

Anais do Seminário de Ciência da Religião Aplicada

7ª edição
ISSN: 2595-3176

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, 2024



Creative Commons 2024
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>

Organização:	Dr. Fábio L. Stern (PUC-SP). Dr. Clóvis Ecco (PUC Goiás).
Comissão científica:	Dr ^a . Cláudia Daniele de Andrade Ritz (UCP) Dr ^a . Danielle Ventura de Lima Pinheiro (UFPB) Dr. Rodrigo Oliveira dos Santos (ACREPA) Dr ^a . Sandra Duarte de Souza (PUC Goiás)
Produção editorial:	Fábio L. Stern.
Colaboração:	PPG em Ciência da Religião da PUC-SP. PPG em Ciências da Religião da PUC Goiás. Wagner Lopes Sanchez (PUC-SP). Andreia Bisuli de Souza. ANPTECRE.

Seminário de Ciência da Religião Aplicada (7. : 2024 set. 23: São Paulo, SP).

Anais do Seminário de Ciência da Religião Aplicada [recurso eletrônico] / org. Fábio L. Stern et al. – 7. ed. São Paulo: PUC-SP, 2024, 90 p.

Inclui bibliografias.

Recurso on-line: e-book (90 p.)

Evento realizado em 23 de setembro de 2024, via live de YouTube
O evento está disponibilizado na íntegra no canal do YouTube de Fábio Stern.

ISSN 2595-3176

1. Ciência da religião – Congressos. 2. Ciência da religião aplicada. 3. Ciências sociais – Profissões e ocupações. I: Fábio L. Stern. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CCD 206

Esses Anais estão licenciados pela Creative Commons. Os leitores têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar seus textos e fazerem trabalhos citando essa publicação, conquanto que deem os créditos devidos aos autores. Nenhuma parte desse material poderá ser utilizada para fins comerciais.

Sumário

O perfil do corpo docente nos programas de pós-graduação em ciência da religião brasileiros <i>Gustavo Sanches Duarte</i>	5
Ciência da religião: observações sobre raça, gênero e empregabilidade <i>Átila Augusto dos Santos</i>	15
Uma década mantendo-se da ciência da religião: um relato de experiência do ensino religioso <i>Rodrigo Bruno de Souza.</i>	31
Ciência da religião e relações internacionais: a presença da análise religiosa nas dinâmicas globais <i>Ana Beatriz de Andrade Delgado Ruggeri</i>	41
A ciência da religião aplicada à festa católica de Corpus Christi: um projeto de extensão <i>Stanley de Araújo Barbosa</i>	49
MST e a teologia da libertação: diálogos entre ecossocialismo, ambientalismo e as ciências da religião <i>Marcos Scarpioni</i>	63
Vestes litúrgicas, moda e identidade: significados e expressões das vestes nas celebrações litúrgicas <i>Vera Maria Galvan</i>	73
2º prêmio SEMCREA <i>Clóvis Ecco, Fábio L. Stern</i>	83
Sobre o evento <i>Fábio L. Stern</i>	87

O perfil do corpo docente nos programas de pós-graduação em ciência da religião brasileiros

Gustavo Sanches Duarte

Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP)

Introdução

A ciência da religião tem evoluído significativamente desde a década de 1960, marcada pela transição do estudo teológico e filosófico para uma abordagem científica autônoma (Usarski, 2006). Esse movimento não apenas exigiu o desenvolvimento de métodos próprios, mas também reforçou a necessidade de reflexão contínua sobre as práticas acadêmicas, comum a qualquer empreendimento científico.

No contexto brasileiro, entretanto, a distinção entre ciência da religião e teologia nem sempre é evidente, o que tem suscitado debates e reflexões acerca da identidade e o papel dessa disciplina. Usarski (2023) destaca que existem diferenças fundamentais entre teologia e ciência da religião, uma das quais está na abordagem do objeto de estudo. Em termos simples, enquanto a teologia adota uma perspectiva êmica, a ciência da religião opta por uma perspectiva externa, observando-a de fora, secular, sem compromissos com uma confissão religiosa específica. Como Greschat (2005, p. 155) salienta, os cientistas da religião “são autônomos em seus trabalhos”, não servindo a nenhuma instituição religiosa, ao contrário dos teólogos.

Nesse sentido, torna-se crucial repensar o perfil dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil, uma vez que isso reflete diretamente o tipo de pesquisa que os programas produzem e como a produzem. Os editais de contratação muitas vezes não priorizam especificamente a formação na área de ciência da religião. Essa preocupação já foi levantada por Stern (2022a) e se deve, principalmente, ao elevado número de desempregados formados em ciência da religião. Muitos deles enfrentam dificuldades para encontrar oportunidades de trabalho, inclusive dentro das próprias instituições de ensino onde concluíram seus estudos.

Assim, o presente artigo busca apresentar um panorama do perfil atualizado dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil. Apresentaremos um panorama da Área 44 “Ciências da Religião

e Teologia”, detalhando suas subáreas e os programas que a compõem. Posteriormente, analisaremos o perfil do corpo docente permanente dos PPGs em ciência da religião no Brasil com base em seus currículos Lattes, conforme listado nos sítios oficiais de cada programa, visando contribuir para o debate sobre a necessidade de reconhecimento dos cientistas da religião nesses programas, promovendo uma maior valorização para os profissionais formados em ciência da religião.

Panorama da Área 44: Ciências da Religião e Teologia

Com uma história que se estende ao longo dos anos, remontando às discussões precursoras e à criação dos primeiros programas de pós-graduação na década de 1970, os PPGs em ciência da religião e teologia compunham, até outubro de 2016, a área de filosofia nos registros da CAPES. A ciência da religião, embora não estivesse explicitamente mencionada no título da área, era implicitamente reconhecida e descrita como parte da subcomissão de teologia. A percepção predominante parecia considerar a ciência da religião e a teologia como termos sinônimos, conforme ressaltado por Stern (2018).

Contudo, em 2016, foi noticiada a autonomia conferida à Área de Ciências da Religião e Teologia na CAPES. Por meio da Portaria CAPES nº 174/2016, publicada no Diário Oficial da União em 13 de outubro de 2016 (Brasil, 2016), consolidou-se a criação da Área 44 da CAPES: Ciências da religião e Teologia. As duas disciplinas se voltam para a produção de conhecimento por meio da análise de um elemento comum, a religião. Embora se dediquem ao mesmo objeto de estudo, essas abordagens revelam singularidades, algumas das quais podem ser conflitantes.

Desde o seu advento no século XIX, a ciência da religião definiu-se como uma disciplina eminentemente empírica. Questões relacionadas à verdade ou falsidade de conteúdos religiosos, à compatibilidade da devoção religiosa com a moralidade ou às normas da vida em sociedade eram categoricamente excluídas.

Assim, é essencial compreender que uma das determinações fundamentais da ciência da religião é que, diferentemente da teologia, ela se dedica a uma análise da religião em termos não religiosos. Como ressalta Usarski (2006, p. 126), na ciência da religião não há indagação sobre a “verdade” ou a “qualidade” de uma religião, pois, “do ponto de vista metodológico, religiões são sistemas de sentido formalmente idênticos. É especificamente esse princípio metateórico que distingue a ciência da

religião da teologia.” Ou seja, independentemente do objeto específico a ser estudado, o cientista da religião aborda seus campos de estudo com a maior imparcialidade metodológica possível e sem preconceitos.

De maneira análoga, essa separação se aplica no sentido contrário, pois a teologia, em sua maioria, não tem como objetivo primordial contestar as convicções de verdade religiosa. A teologia parte do pressuposto de uma verdade última, fundamentada nos dados proporcionados por uma determinada tradição espiritual. Dessa maneira, conforme salientado por Lacoste (2004), ela pode ou não culminar na adoração da realidade afirmada.

Todavia, conforme ressaltado por Sales e Ecco (2018), apesar das divergências, essas disciplinas, longe de representarem uma dicotomia intransponível, possuem o potencial não apenas de coexistir, mas de estabelecer intercâmbios, ainda que de maneira dissonante. Esse fenômeno assegura uma convivência pacífica entre ciência da religião e teologia dentro de uma única Área de Avaliação.

Atualmente, a Área 44 abriga 22 PPGs, divididos entre 11 programas de ciência da religião e 11 de teologia. Essa esfera acadêmica engloba um total de 38 cursos, compreendendo 17 mestrados acadêmicos, 15 doutorados acadêmicos, 1 doutorado profissional e 5 mestrados profissionais (CAPES, 2024). Sua presença é marcante em todas as regiões do país, sendo mais expressiva no Sudeste, com 10 programas, seguido pelo Sul, que conta com 6.

Adicionalmente, a Área de Ciências da Religião e Teologia é estruturada em oito subáreas, sendo quatro delas relacionadas à ciência da religião e quatro relacionadas à teologia: (1) Epistemologia das ciências da religião; (2) Ciências empíricas da religião; (3) Ciência da religião aplicada; (4) Ciências da linguagem religiosa; (5) Teologia fundamental-sistemática; (6) História das teologias e religiões; (7) Teologia prática; (8) Tradições e escrituras sagradas. O propósito é estabelecer quatro grandes eixos principais que servem como fundamento para os estudos religiosos, independentemente de serem abordados pela teologia ou pela ciência da religião (Stern, 2018). Apesar das definições apresentadas, o documento da Área 44 (Capes, 2019) destaca que, com o desenvolvimento, a expansão e a consolidação de seus programas de pós-graduação, está aberta à caracterização de outros possíveis programas em conformidade com as subáreas descritas.

A respeito disso, vale ressaltarmos que, quando falamos sobre Área de Avaliação, estamos lidando com um conceito diferente da área

do conhecimento. As áreas do conhecimento foram estabelecidas primordialmente para simplificar a organização e o compartilhamento de informações sobre projetos de pesquisa e recursos humanos nas instituições de ensino, pesquisa e inovação, destinadas aos órgãos responsáveis pela gestão da ciência e tecnologia. Portanto, podemos considerar que a área do conhecimento é, em sua essência, uma questão burocrática.

Por exemplo, por mais que até 2016 a teologia e ciência da religião¹ estavam inseridas na Área de Avaliação da filosofia, isso não implicava que fossem sinônimos da filosofia, apesar de estarem na mesma Área de Avaliação. Essa dinâmica persiste até hoje; embora a teologia e a ciência da religião façam parte da mesma Área de Avaliação, não significa que a teologia seja sinônimo da ciência da religião e a ciência da religião seja sinônimo da teologia. É crucial compreender que a ciência da religião busca sua própria identidade e não tem a intenção de ser teologia. Essa distinção é essencial para a autocompreensão da disciplina, conforme destacado por Usarski (2023).

Esta distinção em termos político-acadêmicos corresponde a uma singularidade epistemológica essencial para a ciência da religião, que se caracteriza por uma postura específica “baseada no compromisso com o ideal da indiferença diante do seu objeto de estudo” (Usarski, 2013, p. 51). Essa indiferença se refere a uma abordagem acadêmica conhecida como agnosticismo metodológico, adotada pelos cientistas da religião, que implica que eles não emitem julgamentos de valor sobre as religiões que investigam. Eles deliberadamente deixam de lado a questão da verdade última, sem tentar negá-la ou afirmá-la. O agnosticismo metodológico é uma condição essencial para que a ciência da religião mantenha sua autonomia acadêmica. Como observa Stern (2022b, p. 43) “não é uma opção utilizá-la ou não em nossa área”.

Já o teólogo, ao contrário do cientista da religião “não é ‘independente’ de posições religiosas” (Usarski, 2023, p. 99). Os teólogos têm seus próprios critérios para discernir o que é “verdadeiro” e o que é “falso” no domínio da religião. Para eles, a fé é a norma decisiva, considerada verdadeira em oposição às outras, que são vistas como falsas (Greschat, 2005). Esse posicionamento pode comprometer a singularidade epistemológica da ciência da religião. Embora as pesquisas empíricas sobre as religiões possam ser relevantes para a teologia, “o tipo de construção de

1 Ressaltando que embora a ciência da religião não estivesse explicitamente mencionada no título da Área de Avaliação, era referida nos documentos da área (Stern, 2018).

saber que a teologia efetua é diferente do tipo de construção de saber que a Ciência da Religião se propõe a produzir” (Stern, 2022b, p. 42).

É crucial enfatizar essas distinções, pois há uma tendência de “confundir” a área do conhecimento com a Área de Avaliação, para justificar a manutenção de um grande número de teólogos contratados nos programas de ciência da religião, sendo que a recíproca não é verdadeira: os cursos de teologia priorizam teólogos de formação na hora de contratar professores. Um exemplo claro dessa disparidade é evidenciado pelos números que levantamos: nos 11 PPGs de teologia, dos 122 docentes, apenas 11 possuem doutorado em ciência da religião, e 3 possuem alguma formação em ciência da religião². Esse desequilíbrio evidencia fortes indícios de que os PPGs em teologia possivelmente não adotam essa reciprocidade, permanecendo mais fechados em sua própria disciplina. Em contraste, na ciência da religião, a situação é completamente oposta, como veremos posteriormente.

Análise do perfil dos docentes permanentes nos PPGs de ciência da religião do Brasil

No Brasil, a ciência da religião estabeleceu-se como um campo autônomo de pesquisa a partir da criação de programas de graduação e pós-graduação na virada das décadas de 1960 para 1970. Apesar da relevância acadêmica do estudo da religião estar razoavelmente estabelecida, o mesmo não se pode dizer do departamento de ciência da religião, conforme destaca Cruz (2013).

Na 5ª edição do Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA), evento periódico dedicado à empregabilidade, profissionalização e prática da ciência da religião, Stern (2018) apresentou uma análise do perfil dos corpos docentes dos PPGs em ciência da religião do Brasil. Esse levantamento revelou que os professores doutores em ciência da religião não constituíam a maioria em diversos programas da área, sendo que predominam mais os doutores em teologia e em outras disciplinas das ciências humanas. Em nosso levantamento mais recente, realizado em fevereiro de 2024, observamos que essa situação permanece praticamente inalterada. Entre os docentes nos PPGs em ciência da religião, a maioria continua sendo formada por professores formados

2 Mestrado ou alguma especialização de 360 horas.

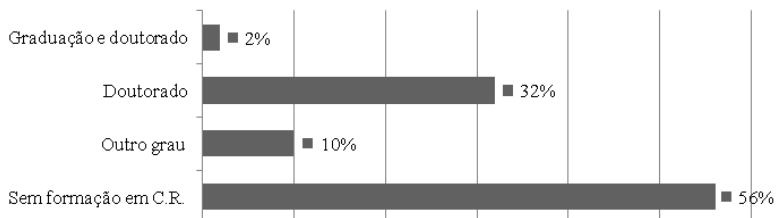
em teologia, seguidos pelos formados em outras disciplinas das ciências humanas, como será detalhado mais adiante.

Para atualizar tais dados empíricos, realizamos um levantamento dos currículos Lattes de todos os professores dos PPGs em ciência da religião e também dos programas de teologia, conforme listado nos sítios oficiais de cada programa. Importa salientar que o preenchimento desses currículos é de responsabilidade dos próprios pesquisadores. Assim, o método adotado para esse levantamento pode conter imprecisões ou dados desatualizados. Portanto, todos os valores apresentados devem ser considerados apenas como aproximações da realidade do campo.

Os sítios oficiais dos PPGs em ciência da religião no Brasil declaravam, em fevereiro de 2024, haver 132 professores permanentes nos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, distribuídos em 10 instituições de ensino superior: FUV, UMESP, PUC-Campinas, PUC-Goiás, PUC-Minas, PUC-São Paulo, UFJF, UFP, UFS e UNICAP. Embora haja 11 IES com programas de pós-graduação listadas no Documento de Área (CAPES, 2019), fomos forçados a desconsiderar os dados do PPG56 de ciência da religião da UEPA, devido a problemas no sítio do programa durante o período de nossa coleta.

Dessa forma, analisando a formação dos 132 docentes permanentes, observa-se que 56% do corpo docente ainda não possui qualquer formação em ciência da religião, 32% possuem somente doutorado, enquanto 10% possuem formação em ciência da religião que não se enquadrava em graduação ou doutorado, usualmente mestrado ou alguma especialização de 360 horas. Surpreendentemente, apenas 2% possuem graduação e doutorado em ciência da religião.

Figura 1 – Distribuição aproximada da formação em ciência da religião dos docentes permanentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil

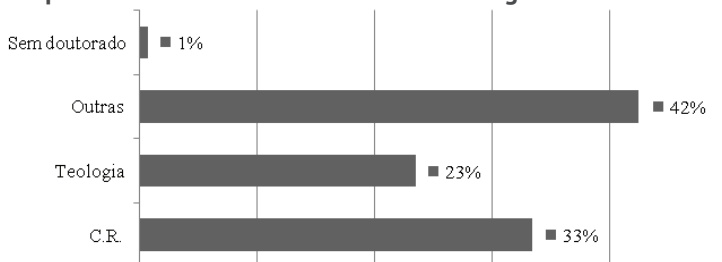


Fonte: elaboração do autor (2024).

Reconhecemos que há um considerável trabalho a ser realizado para consolidar a ciência da religião no mercado de trabalho. Como Stern (2018) destaca, é crucial que os profissionais formados em ciência da religião compreendam que, sem uma organização efetiva da categoria profissional, será difícil reverter o atual cenário de desemprego, especialmente para aqueles que dedicaram uma década aos estudos nessa área, da graduação ao doutorado. Assim se nenhuma ação for implementada, as instituições de ensino superior continuarão a capacitar profissionais com amplo conhecimento em religiões, porém sem perspectivas de atuação profissional (Costa, 2016).

Ao analisarmos especificamente os professores doutores dos PPGs em ciência da religião, observamos que a porcentagem de 33%, previamente identificada por Stern em sua pesquisa sobre a criação da área de avaliação “Ciências da Religião e Teologia” pela CAPES, a qual abrange dados numéricos sobre a formação dos docentes dos programas de pós-graduação da Área 44, realizada no ano de 2018 (cf. Stern, 2018), permanece inalterada, como ilustrado na figura abaixo:

Figura 2 – Distribuição aproximada da formação de doutorado dos docentes permanentes dos PPGs de ciência da religião no Brasil



Fonte: elaboração do autor (2024)

O que novamente se evidencia ao examinarmos a formação de doutorado dos docentes permanentes nos PPGs das instituições, é certa “escassez” de professores com formação específica em ciência da religião. Apenas duas das dez instituições analisadas têm mais de 50% de seus docentes com doutorado em ciência da religião: PUC Minas (67%) e PUC Goiás (62%) se destacam como aquelas com maior proporção de professores com doutorado em ciência da religião. Por outro lado, os PPGs da UNICAP (9%) e da PUC Campinas (10%) possuem a menor porcentagem de professores com doutorado em ciência da religião, conforme

demonstrado na tabela abaixo:

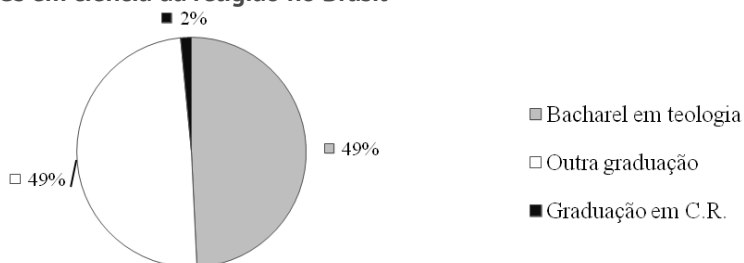
Tabela 1 – Distribuição aproximada da formação de doutorado dos docentes permanentes por PPGs de ciência da religião no Brasil

Instituição	C.R.	Teologia	Outras áreas	Sem doutorado
UNICAP	9%	27%	64%	0%
PUC Campinas	10%	40%	50%	0%
FUV	18%	47%	29%	6%
UMESP	25%	13%	63%	0%
UFPB	26%	16%	58%	0%
UFS	27%	9%	64%	0%
PUC-SP	36%	18%	45%	0%
UFJF	45%	35%	20%	0%
PUC Goiás	62%	15%	23%	0%
PUC Minas	67%	0%	33%	0%

Fonte: elaboração do autor (2024)

Quando analisamos a formação inicial (graduação) dos docentes, identificamos uma disparidade ainda mais significativa: 49% possuem formação em teologia, enquanto outros 49% têm graduações em diversas áreas, como filosofia, história, ciências sociais, pedagogia, entre muitas outras, restando apenas 2% com formação específica em ciência da religião. Essa discrepância chama atenção, especialmente considerando que as licenciaturas em ciência da religião estão ativas no Brasil desde a década de 1990, presentes em todas as regiões do país (Stern, 2022a).

Figura 3 – Distribuição aproximada da formação inicial dos docentes dos PPGs em ciência da religião no Brasil



Fonte: elaboração do autor (2024)

Para compreender a gravidade desse cenário, Stern (2022a) realizou uma comparação com o perfil profissional dos docentes da USP, uma universidade de destaque no Brasil. Ele selecionou dois PPGs da USP, o de filosofia e o de história, devido à proximidade dessas áreas com a ciência da religião, estabelecendo parcerias anteriores com pesquisadores desses programas. No PPG em filosofia da USP, observou-se empiricamente que 94% dos professores permanentes eram doutores, e 81% eram graduados em filosofia, evidenciando que quase todos possuíam formação inicial e final na área em que lecionavam. No caso do PPG em história da USP, 86% dos professores eram doutores, e 84% eram graduados em história, mostrando também uma alta correlação entre a formação inicial e final na respectiva área de ensino.

Em nosso levantamento, ao examinarmos os 11 PPGs de teologia, destacamos uma predominância semelhante de docentes com formação inicial e final na área em que lecionam. Identificamos que 77% dos docentes permanentes possuíam doutorado, e 89% eram graduados em teologia.

Tabela 2 – Professores permanentes com formação específica na área de docência

	PPGs em C.R (Brasil)	PPGs em Teo (Brasil)	PPG em História (USP)	PPG em Filosofia (USP)
Graduação na área	2%	89%	84%	81%
Doutorado na área	32%	77%	86%	94%

Fonte: elaboração do autor (2024)

Esses dados apontam para a relevância atribuída à formação específica dentro dos PPGs de teologia, história e filosofia, indicando que estes mantêm uma tendência de manutenção e um enfoque mais restrito à sua própria disciplina. Em contrapartida, tal priorização não se verifica nos PPGs de ciência da religião brasileiros. Os números levantados indicam a necessidade dos programas de ciência da religião no Brasil repensarem o perfil para futuras contratações docentes na área.

Por fim, ao analisarmos a distribuição por gênero, destaca-se que o perfil dos docentes ainda é majoritariamente masculino. Dos 132 docentes, 99 (75%) são homens e 33 (25%) são mulheres. Esse desafio não é recente, e a Área 44 tem se empenhado em encontrar soluções para a assimetria de gênero. A ANPTECRE também está comprometida com essa causa e continua contribuindo por meio de ações diretas nos PPGs

membros, além de pesquisas e inserção social para superar as desigualdades persistentes em nossa área. Na conjuntura atual, é crucial reafirmar a luta por políticas públicas que promovam equidade, liberdade e dignidade para todas as mulheres.

Além disso, é fundamental abordar a assimetria étnico-racial na composição do corpo docente dos programas da área, enfrentando-a como uma política afirmativa de inclusão. Infelizmente, devido à falta de dados e informações disponíveis, não foi possível realizar esse levantamento em nosso levantamento atual.

Considerações finais

Este artigo se propôs a fornecer uma visão abrangente do cenário atual dos corpos docentes dos Programas de Pós-Graduação (PPGs) em ciência da religião no Brasil. Inicialmente, realizamos uma análise geral da Área 44: Ciências da Religião e Teologia, onde detalhamos suas subáreas e os programas que fazem parte dela. Em seguida, examinamos o perfil dos professores permanentes desses programas, utilizando uma metodologia que envolveu a análise dos currículos Lattes disponíveis nos sites oficiais das instituições. Buscamos não apenas mapear a realidade da formação de professores em ciência da religião, mas também instigar reflexões sobre a necessidade de valorizar os próprios cientistas da religião, considerando a possível exclusão dentro de seu próprio domínio de atuação.

Assim, o presente estudo evidência que, embora tenha ocorrido a consolidação de uma Área de Avaliação específica, ao longo dos anos, não houve avanço significativos na inclusão de egressos dos cursos de ciência da religião como corpos docentes de seus próprios cursos, como salientado anteriormente por Stern (2022a). Desafios significativos persistem na composição dos corpos docentes dessa área, apontando para certa exclusão de cientistas da religião nos programas que os formam, dentro de seu próprio domínio de atuação. Esse cenário mantém a ciência da religião como um campo de trabalho predominantemente protegido para outras disciplinas das ciências humanas e para a teologia, em detrimento da exclusão e manutenção de um exército de desempregados formados em ciência da religião.

A falta de predominância de formandos em ciência da religião, em comparação com teólogos e profissionais de outras disciplinas, é um fenômeno persistente, evidenciado tanto em análises passadas quanto em nosso levantamento. É importante repensar os concursos

dos programas de ciência da religião, avaliando o perfil de pesquisa que produzem, os métodos empregados, a utilidade do conhecimento gerado pela própria ciência da religião e a efetividade em sua disseminação ocorre. O caminho para superar essas barreiras e promover mudanças significativas nesse cenário requer reflexão, mobilização e ações coordenadas, visando à construção de um ambiente profissional mais inclusivo e representativo para os cientistas da religião no Brasil.

Referências

BRASIL. Portaria nº 174, de 11 de outubro de 2016. Cria as áreas de avaliação de Filosofia e de Teologia. Diário Oficial da União, Brasília, 13 out. 2016, Seção 1, p. 18.

CAPES. Ciências da religião e teologia: Documento de área 2013-2016. Brasília: MEC, 2019.

CAPES. Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação. Brasília: MEC, 2022.

CAPES. Plataforma Sucupira. Cursos avaliados e reconhecidos por área. Brasília: MEC, 2024.

COSTA, Gilmar Gonçalves da.; PIMENTEL, Claudio Santana. Entrevista: Marcelo Camurça: Questões epistemológicas na ciência da religião: Reflexões sobre a Identidade pedagógica II. Último Andar, São Paulo, n. 20, pp. 71–74, 2012.

COSTA, Matheus O. Moção contra a falta de empregabilidade dos cientistas das religiões: lida no Simpósio Nacional da ABHR 2016. REVER: Revista de Estudos da Religião, São Paulo, v. 16, n. 2, pp. 175-179, 2016.

CRUZ, Eduardo R. Estatuto epistemológico da ciência da religião. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2013, pp. 37-49.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.

SALES, Omar Lucas Perrout Fortes de; ECCO, Clóvis. *Ciências da religião no Brasil: Ensaio para a autonomia afirmada e a expansão do horizonte*

DUARTE, G. S. O perfil do corpo docente nos programas de pós-graduação em ciência da religião brasileiros. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, 7., 2024, São Paulo. *Anais eletrônicos...*

prático de atuação. In: STERN, Fábio L.; COSTA, Matheus O (orgs.). *Ciências da religião aplicada: Ensaio pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Fi, 2018, pp. 79-97.

STERN, Fábio L. A criação da área de avaliação Ciências da Religião e Teologia na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). *Espaços*, São Paulo, v. 26, n. 1, pp. 73-91, 2018.

STERN, Fábio L. Contratação de cientistas da religião como professores de cursos de ciência da religião. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 22, p. 7-11, 2022a.

STERN, Fábio L.. Agnosticismo metodológico. In: Frank Usarski; Alfredo Teixeira; João Décio Passos (Org.). *Dicionário de Ciência da Religião*. 1ed. São Paulo: Paulus, 2022b, v. 1, p. 41-43.

TIELE, Cornelis Petrus. Concepção, objetivo e método na ciência da religião. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 18, n. 3, pp. 217-228, 2018.

USARSKI, Frank. *Constituintes da ciência da religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma*. São Paulo: Paulinas, 2006.

USARSKI, Frank. *A identidade da ciência da religião*. São Paulo: Edições 70, 2023.

Ciência da religião: observações sobre raça, gênero e empregabilidade

Átila Augusto dos Santos

Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP)

Mestre em Ciências da Religião (UMESP)

Enquanto o leão não aprender a contar suas histórias, as vitórias da caça serão sempre do caçador

Proverbio africano

Este texto remonta parte das discussões realizadas nos últimos dez anos sobre a empregabilidade e a profissionalização de pesquisadores na área 44 Teologia e Ciência da Religião, destacando algumas lacunas significativas que têm sido raramente discutidas. O objetivo é mapear e pontuar criticamente a composição do corpo docente dos onze programas de pós-graduação em ciência da religião, interseccionando gênero, raça e etnia.

Para abordar essas questões, será utilizada a metodologia da heteroidentificação, dentre outras, considerando as limitações impostas pela pesquisa. A escolha metodológica se justifica pela necessidade de obter dados precisos e confiáveis, que permitam uma compreensão o mais próximo possível da realidade enfrentada.

Em seguida, serão apresentados os dados coletados, que buscam fundamentar a hipótese de baixa empregabilidade, especialmente de docentes negros e negras nos onze programas de ciência da religião no Brasil, além de oferecer uma crítica ao sistema vigente.

As preliminares da diversidade e empregabilidade

Há quase uma década, os debates no campo da ciência da religião aplicada no Brasil, dentre outras coisas, vêm chamando atenção sobre a empregabilidade e profissionalização do/a cientista da religião. Sobre o tema Matheus Costa (2019) já dizia que “ela assegura a existência da ciência da religião no mercado universitário enquanto área, e fornece motivos financeiros e práticos para ter mais pessoas se formando como cientistas das religiões atuando no mundo profissional” (Costa, 2019 p. 21-22).

Porém queremos contribuir para além de pensar a empregabilidade relacionada à formação universitária, que se refere ao nível de graduação e que forma profissionais para o mercado de trabalho, que é mapear a composição do corpo docente dos PPGs em ciência da religião e tecer observações sobre a intersecção entre a ciência da religião, a empregabilidade e a realidade dos/as docentes e discentes especialmente negros/as. Com isso, buscamos contribuir para as questões e práticas que afetam a ocupação profissional desses/as discentes e docentes egressos.

Nossas observações se baseiam em literatura especializada de autores como Klocker e Tworuschka (2008), Passos e Usarski (2013) e Stern e Costa (2018), que em muito contribuem com a sistematização da ciência da religião aplicada. Para Matheus Costa (2019), a perspectiva de sistematização tratada por esses autores surge, dentre outras coisas, como resposta à necessidade de profissionalização interna e à demanda externa da área, além de problematizar a questão de maior empregabilidade.

Ainda, queremos contribuir com observações preliminares da diversidade da empregabilidade na área. Ou seja, em um cenário marcado pela concorrência e pelas crescentes tensões sociais, questionamos a empregabilidade de cientistas da religião negros e negras, especialmente no Brasil, onde a herança colonial ainda se faz presente e onde a discussão sobre a inserção profissional de negros/as em diversos setores se torna ainda mais relevante. Nesse contexto, a necessidade de maior representatividade em diferentes áreas do conhecimento se torna crucial, especialmente quando acrescentamos o marcador de gênero ao componente racial.

As discussões sobre egressos, empregabilidade e questões sectárias, já se fazem presentes em artigos, livros, periódicos e compêndios. Entretanto, são poucas as abordagens que consideram as demandas específicas dos cientistas da religião em questões de gênero, raça e etnia, tanto de formandos/as quanto formados/as. Quando verificamos o documento da área 44, Ciências da Religião e Teologia, percebemos o esforço de quase cinco anos no sentido de tentar diminuir a assimetria de gênero e raça reconhecida no trecho “Há alguns desafios quanto às assimetrias a serem enfrentadas com relação às quais os PPG da área precisam estar atentos” (CAPES, 2019, p. 22). Além de apoiar a inserção de jovens doutores nos programas, o documento afirma explicitamente a necessidade de enfrentamento das assimetrias mencionadas:

Os programas devem ser capazes de promover um equilíbrio adequado às suas necessidades, ao aproveitamento dos quadros docentes sêniores com experiência e consolidada a produção intelectual e à abertura para novos talentos com perfil de criação acadêmica e capacitação para a formação voltada para os objetivos do programa. Dois importantes desafios a serem enfrentados dizem respeito à assimetria por gênero e à assimetria étnico-racial na composição do corpo docente dos programas da área. A área deve enfrentar essa questão como uma política afirmativa de inclusão (CAPES, 2019, p. 22, grifos nossos).

Neste contexto, criar uma política afirmativa de inclusão é um grande desafio porque, embora os negros/as e mulheres estejam presentes e visíveis, mesmo que em quantidade reduzida, nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) de Ciências da Religião em todo o Brasil – nos corredores, nas salas de aula, nas bancas de dissertações e de teses, nos congressos e seminários –, ainda são muito poucas as mulheres ocupando cargos de docência e negros/as menos ainda, LGBTI+ ainda menos, quiçá no comando da área, com raras exceções. Pensando essa diversidade, buscamos fazer uma abordagem quantitativa visando obter informações sobre a presença e empregabilidade dessas pessoas nos programas de pós-graduação.

Metodologia

Inicialmente, tentamos coletar essas informações e dados sobre essas diversidades na área por meio de entrevistas online com os coordenadores dos onze programas de ciência da religião ativos no Brasil. No entanto, agendas lotadas e até mesmo greve de docentes e servidores inviabilizaram essa abordagem. Diante destes desafios, optamos por uma alternativa: o envio de um questionário por e-mail aos coordenadores como estratégia de garantir a coleta de dados mesmo em um contexto adverso. O questionário, que já fazia parte da metodologia de pesquisa, buscava informações objetivas a partir de quatro critérios, especificamente, o número de docentes e discentes negros/as, o número de mulheres e LGBTI+ nos programas de pós-graduação. Optamos por utilizar essa sigla LGBTI+ para facilitar a comunicação inclusiva e garantir que todas as identidades sejam reconhecidas sem a necessidade de uma sigla longa e complexa.

As respostas ao questionário enviado dos onze coordenadores foram variadas: alguns não responderam, outros solicitaram aprovação do colegiado, outros se recusaram por considerar a questão fora de sua

alçada ou por motivos de privacidade, e alguns sugeriram o envio de um questionário de autoidentificação. No final das contas, poucos responderam de forma objetiva e dentro do prazo, evidenciando os desafios da coleta de dados em um tema sensível como a diversidade.

Diante dessas dificuldades, optei por realizar a heteroidentificação sozinho, considerando minha condição de pesquisador negro e seguindo os moldes do Conselho da Pró-reitoria de Inclusão e Pertencimento da Universidade de São Paulo (USP, 2022), ou seja, baseada exclusivamente na aparência fenotípica. Utilizei as fotos dos docentes disponíveis nos sites dos PPGs e em seus currículos Lattes, com a ressalva de que nem todas as informações podem estar atualizadas. Reconhecemos as limitações e que a autoidentificação seria o método ideal, mas devido às limitações e ao caráter panorâmico e exploratório desta pesquisa, realizar a heteroidentificação sozinho seria a única alternativa disponível.

A heteroidentificação parte da leitura social realizada como ocorre no cotidiano da sociedade brasileira. Desta maneira, mesmo que a pessoa não seja caucasiana e apesar da raça/etnia com que ela se auto identifique, ela é lida na convivência como sendo branca ou negra, esta última que absorve as pardas (IBGE, 2010). É importante ressaltar que o próprio termo “negro” é controverso e constantemente ressignificado nos campos social, político, religioso e outros. Assim, nesta pesquisa usaremos o termo negro, a partir da heteroidentificação, para nos referirmos a pessoas que são lidas socialmente como não brancas, incluindo não somente as pardas, mas também as indígenas, latinas e outras (USP, 2022).

Nesse contexto, utilizaremos também a ferramenta analítica da interseccionalidade (Crenshaw, 2002), que surge como uma abordagem decolonial essencial para uma compreensão mais aprofundada das complexas interações entre gênero, raça/etnia, classe e empregabilidade, questões extremamente pertinentes aos grupos socialmente minoritários.

Encontro de raça e gênero com a ciência da religião

A população negra é um dos grupos minoritários que mais têm chamado atenção socialmente, muitas vezes com suas demandas mitigadas, embora já represente mais da metade dos brasileiros, 55,3% (IBGE, 2010) e 56,1% (IBGE, 2022). A escravização transatlântica e o colonialismo perpetuaram mentiras que associavam africanos e afrodescendentes a características negativas, como criminalidade, preguiça e falta de

inteligência. Além disso, as religiosidades e cultura afrodescendentes foram demonizadas (Gonzales, 1984; Silva, 2011). No entanto, apesar das adversidades, a cultura afro-brasileira não apenas sobreviveu, mas também prosperou.

No que diz respeito à religião, segundo o Novo Mapa das Religiões (2011), o pentecostalismo é aquela com maior presença negra no Brasil. Vagner Silva (2011) relembra que muito embora a mesma pesquisa aponte um número reduzido de seguidores, as religiões de matrizes africanas exercem um papel crucial na preservação da cultura africana na diáspora brasileira. Tudo isso contribui para uma sociedade brasileira culturalmente diversificada, onde pessoas de ascendência preta e não brancas desempenham um papel significativo.

A assimetria de raça e gênero é uma constante na maioria dos programas de pós-graduação no país, incluindo aqueles de outras áreas conforme verificado em pesquisa realizada pelo Instituto Serrapilheira e pelo Gemaa/UERJ, que mostra que apenas 7,4% dos professores de pós-graduação são negros ou indígenas (Ramos, 2023, s/p) e que apenas em 34% das áreas as mulheres alcançam equidade ou são maioria entre os docentes da pós-graduação (Poder360, 2023, s/p).

Dados coletados

A partir de uma perspectiva interseccional, lançamos luz sobre a presença negra nos Programas de Pós-Graduação (PPGs) de Ciência da Religião no Brasil, sem prescindir das questões de gênero que é tema transversal e que poderão ser aprofundadas em textos futuros. Os dados foram coletados em onze PPGs de Ciência da Religião, dentre os quais, quando deste levantamento na plataforma Sucupira – Avaliação CAPES 2017-2020: Quatro programas têm conceito cinco na avaliação da Capes: UMESP, UFJF, PUC-SP e PUC-GO; seis programas têm conceito quatro: FUV, UFPB, UNICAP, PUC-CAMP, PUC-MG e UEPA; e, um programa tem conceito três: UFS (CAPES, 2022). O site de cada Programa foi visitado em maio de 2024 e, durante a pesquisa, nenhum dos sites dos programas e Lattes faz menção a docentes LGBTI+ o que limitou em parte a pesquisa. Ainda, a maioria não traz informações sobre os discentes, tanto formandos quanto formados.

No quadro da UMESP (2024) há nove docentes, seis homens e três mulheres, todos brancos e não há qualquer informação sobre os discentes. Já na UFJF (2024), há vinte docentes, dezesseis homens brancos e um

negro, duas mulheres brancas e uma negra. Não há informação sobre discentes. Na PUC-SP (2024), há onze docentes, nove homens, duas mulheres, todos brancos. Não há qualquer informação sobre os discentes. Na PUC-GO (2024b), há treze docentes, oito homens brancos, três mulheres brancas e duas mulheres negras. Sobre os discentes (PUC-GO, 2024a) há uma relação nominal dos discentes desde o ano de 2012 a 2023, nos últimos cinco anos (2020 a 2024) somam um total de noventa e seis discentes admitidos, sendo trinta e uma mulheres. Na FUV (2024), há vinte docentes, onze homens brancos, dois homens negros, cinco mulheres brancas e duas negras. Não há informações sobre discentes. Na UFPB (2024b), há dezessete docentes, oito homens brancos e um homem negro e oito mulheres brancas. Sobre os discentes da UFPB (2024a) são oitenta ativos. No programa de mestrado dezesseis mulheres e treze homens, totalizando vinte e nove, já no programa de doutorado são cinquenta e uns discentes no total, sendo vinte e sete mulheres e vinte e quatro homens.

Na UNICAP (2024) há onze docentes, nove homens brancos, uma mulher branca e uma mulher negra. Não há informações sobre discentes. Na PUC-CAMP (2024), há dez docentes, oito homens brancos e duas mulheres, uma branca e uma negra. Não há informações sobre discentes. Na UEPA (2024b) há dez docentes, seis homens brancos, dois homens negros, uma mulher branca e uma mulher negra. Há uma relação nominal dos discentes da UEPA (2024a) de quarenta e nove discentes ativos no mestrado sendo vinte e cinco mulheres e vinte e quatro homens. No doutorado há cinco discentes, todas mulheres. Na PUC-MG (2024), há doze docentes, dez homens brancos e duas mulheres brancas. Não há informações sobre discentes. Na UFS (2024), há treze docentes, sete homens brancos, cinco homens negros e uma mulher negra. Sobre os discentes há uma relação nominal de vinte discentes admitidos e ativos no último ano de 2023.

Com vistas à uma melhor visualização da problemática, construímos o Gráfico 1, ao lado.

Dos quatro programas com nota cinco na CAPES, a UMESp é a que mais possui mulheres, com 33,3%. No entanto, tanto a UMESp quanto a PUC-SP, ambas localizadas na região Sudeste do país, não têm nenhum docente negro ou negra, ou seja, 100% dos/as docentes são brancos/as. A UMESp tem o menor número de docentes, com nove, enquanto a UFJF tem o maior número, sendo vinte. A UFJF também possui a maior quantidade de homens brancos, dezesseis. Em contraste, é a única das quatro

Gráfico 1 – Docentes dos PPGs-CR

PROGRAMA	ÁREA	REGIÃO	CONTO CARS	TOTAL	DOCENTES		NEGROS	BRANCOS	NEGROS	BRANCOS		
					MULHERES	HOMENS						
PUCCSP	Ciência da Religião	Sudeste	5	11	2	9	18,2%	81,8%	2	18,2%	9	81,8%
UMESP	Ciência da Religião	Sudeste	5	9	3	6	33,3%	66,7%	3	33,3%	6	66,7%
UFJF	Ciência da Religião	Sudeste	5	20	3	16	15,0%	80,0%	1	5,0%	3	15,0%
PUCCGOAS	Ciência da Religião	Centro-Oeste	5	13	5	8	38,5%	61,5%	2	15,4%	3	23,1%
PUCCAMP	Ciência da Religião	Sudeste	4	10	2	8	20,0%	80,0%	1	10,0%	1	10,0%
UFPA	Ciência da Religião	Nordeste	4	17	8	9	47,1%	52,9%	1	5,9%	8	47,1%
UEPA	Ciência da Religião	Norte	4	10	2	8	20,0%	80,0%	1	10,0%	1	10,0%
PUCKMINAS	Ciência da Religião	Sudeste	4	12	2	10	16,7%	83,3%	2	16,7%	2	16,7%
UNICAP	Ciência da Religião	Nordeste	4	11	2	9	18,2%	81,8%	1	9,1%	1	9,1%
UFV	Ciência da Religião	Sudeste	4	20	7	13	35,0%	65,0%	2	10,0%	5	25,0%
UFS	Ciência da Religião	Nordeste	3	13	1	12	7,7%	92,3%	1	7,7%	1	7,7%
TOTAL			3	146	37	108	25,3%	74,0%	9	6,2%	28	19,2%
					DOCENTES							
PROGRAMA	ÁREA	REGIÃO	CONTO CARS	DISCENTES TOTAL	MULHERES		HOMENS		NEGRAS	BRANCAS	NEGROS	BRANCOS
PUCCSP	Ciência da Religião	Sudeste	5	*	*	*	*	*	*	*	*	*
UMESP	Ciência da Religião	Sudeste	5	*	*	*	*	*	*	*	*	*
UFJF	Ciência da Religião	Sudeste	5	*	*	*	*	*	*	*	*	*
PUCCGOAS	Ciência da Religião	Centro-Oeste	5	96	31	65	32,3%	67,7%	*	*	*	*
PUCCAMP	Ciência da Religião	Sudeste	4	*	*	*	*	*	*	*	*	*
UFPA	Ciência da Religião	Nordeste	4	80	43	37	53,8%	46,3%	*	*	*	*
UEPA	Ciência da Religião	Norte	4	54	30	24	54,7%	45,3%	*	*	*	*
PUCKMINAS	Ciência da Religião	Sudeste	4	*	*	*	*	*	*	*	*	*
UNICAP	Ciência da Religião	Nordeste	4	*	*	*	*	*	*	*	*	*
UFV	Ciência da Religião	Sudeste	4	20	*	*	*	*	*	*	*	*
UFS	Ciência da Religião	Nordeste	3	250	104	126	41,4%	50,6%	*	*	*	*

Fonte: autoria própria.

que tem tanto um docente homem negro quanto uma docente mulher negra. A PUC-GOIÁS tem a maior proporção de docentes mulheres, sendo cinco.

Dentre as quatro instituições com conceito cinco, a PUC-GOIÁS é a que mais se destaca na pesquisa, com 38,5% de mulheres, sendo duas negras. Também apresenta quantidade considerável de homens brancos, 61,5% não havendo nenhum homem negro entre os docentes. A PUC-GOIÁS também é a única das quatro que apresenta dados sobre seus discentes no site: são noventa e seis, sendo trinta e uma mulheres e sessenta e cinco homens.

Dos seis programas com nota 4 na CAPES, dois se destacam por cumprirem quase todos os critérios averiguados nesta pesquisa, a UEPA e a FUV, somente não apresentando dados dos discentes. A PUC-MG também chama atenção por ter a maior quantidade de homens docentes, 83,3%, e 100% do corpo docente branco.

A UEPA tem dez docentes, incluindo duas mulheres, uma negra e uma branca e oito homens, dois negros e seis brancos, além de cinquenta e quatro discentes ativos, sendo trinta mulheres e vinte e quatro homens. A FUV possui vinte docentes, sendo a instituição com o maior número de docentes entre as seis com conceito 4 na CAPES. Desses, sete são mulheres, duas negras e cinco brancas e treze são homens, dois negros e onze brancos. O programa com mais mulheres brancas é a UFPB, com oito mulheres (47,1%), que também possui a maior quantidade de mulheres no programa, porém nenhuma negra.

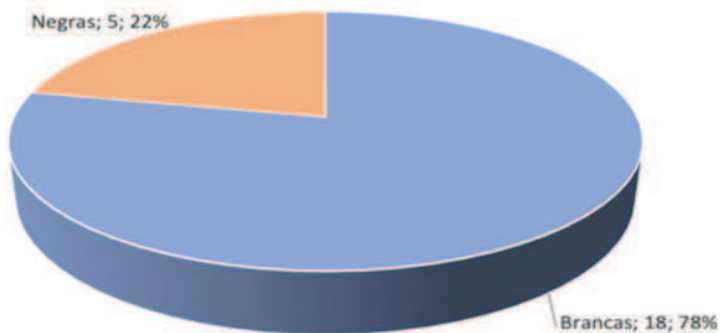
Fato é que em 2018, a Ciência da Religião conquistou sua emancipação da tutela da Filosofia. Essa conquista traz o reconhecimento da área como um campo de estudo autônomo, com seus próprios métodos, objetos e perspectivas, dentre outras coisas distintas. Em 2019, dando sequência à emancipação, foi elaborado o documento norteador da área 44. Esse documento, fundamental para a área, estabelece as diretrizes para a avaliação de programas de pós-graduação em Ciência da Religião (STERN, 2018). Um dos aspectos importantes do documento norteador é a ênfase na implementação de políticas afirmativas de gênero e raça. Essa medida visa promover a diversidade e a inclusão na área, combatendo as desigualdades históricas que marginalizaram grupos minoritários.

Nesta perspectiva, analisamos os currículos Lattes das docentes mulheres nos onze programas a partir de 2018, ano da emancipação da área. Para realizar este levantamento, a partir do Lattes fornecido no site da instituição, acessamos a aba “atuação”, em seguida “atuação

profissional”, em que verificamos o último vínculo institucional na instituição como docente contratado/a na Ciência da Religião.

Ao realizar este percurso, chegamos a vinte e três mulheres contratadas, dezoito brancas e cinco negras, isto parece não alcançar a proporcionalidade preconizada no documento da área, que defende políticas afirmativas interseccionais, reconhecendo as desigualdades de gênero e raça de forma simultânea, o que segundo os dados ilustrados no Gráfico 2 – Contratações de docentes mulheres de 2018 a 2024, abaixo, parece persistir

Gráfico 2 – Contratações de docentes mulheres de 2018 a 2024



Fonte: autoria própria.

Embora os dados apresentados (18,78% x 5,22%) mostrem um aumento na proporção de mulheres contratadas revelam um paradoxo: a falta de representatividade de mulheres negras nas contratações, mesmo após a implementação de políticas afirmativas. A simples quantificação de mulheres contratadas, sem considerar a raça, oculta a persistente disparidade racial presente no mercado de trabalho. O aumento de quase 20% nas contratações de mulheres pode parecer um avanço para a diversidade e equidade de gênero, mas quando observamos que apenas 5,22% dessas mulheres são negras, a realidade se torna alarmante.

Usando a mesma metodologia, verificando o lattes dos docentes homens dos programas conceito cinco, verificamos que houve treze contratações, porém todas de homens brancos, apesar de haver homens negros doutores, conforme verificado no programa que apresenta a maior

quantidade de docentes negros contratados, da UFS, conceito 3, com 4 contratações de homens negros após 2018.

Como mencionado anteriormente, os negros/as compõem 56,1%, IBGE a, da população do Brasil, a principal força de trabalho e pesquisas recentes IBGE 2022b, mostram que há 19,7% de pessoas negras com 25 anos ou mais com curso superior, logo os 5,2% de mulheres negras e 7,5% de homens negros contratados nos PPGs de Ciência da religião estão muito abaixo da quantidade de pessoas negras com curso superior no Brasil.

O reconhecimento da desigualdade e do pacto

Este quadro e alguns outros dados levantados nos remetem aos ensinamentos da psicóloga e intelectual negra Cida Bento (2022) sobre o “pacto narcísico da branquitude”. Esse pacto é um acordo tácito de autopreservação que serve aos interesses de determinados grupos e perpetua o poder das pessoas brancas. Segundo Cida Bento, ele é a raiz da desigualdade racial estrutural em nosso país. Trata-se de uma estrutura de exclusão, muitas vezes inconsciente, que opera como um mecanismo de opressão, marginalizando e silenciando grupos subalternizados, especialmente negros e negras.

Sua tese de doutorado, defendida há mais de 20 anos e intitulada “Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público” foi concluída na Universidade de São Paulo (USP) em 2002. Nesta pesquisa, ela cunhou esse conceito e o desenvolveu com o objetivo de desmistificar a falácia do discurso meritocrático, questionando o mito da democracia racial. A tese destacou que a branquitude, muitas vezes de forma não intencional, enfrenta grandes dificuldades em discutir a necessidade de medidas institucionais de justiça e reparação dentro de suas organizações.

Isso nos ajuda a retomar o único programa com conceito três (UFS) mais contratando docentes negros/as, dos seis, cinco homens e uma mulher. Este fato pode ser interpretado de duas maneiras. Primeiramente, pode indicar um esforço do programa em promover a diversidade racial. No entanto, também pode ser visto como um reflexo da pirâmide social (SMPIR, 2016), em que homens negros, encontram mais dificuldades para alcançar cargos mais altos em comparação com mulheres brancas. Assim, a presença de maior quantidade de docentes homens negros no programa com conceito três pode ser, dentre outras coisas, uma consequência

da estrutura social que ainda oferece menos oportunidades para homens negros em cargos mais elevados.

Considerações finais

Embora este texto não explore exaustivamente as várias categorias de análise e conceitos propostos, ele alcança seu objetivo de fornecer dados estatísticos panorâmicos e estimular reflexões, estabelecendo algumas delimitações para pesquisas futuras sobre a empregabilidade e diversidade de docentes na área 44.

Os dados revelados neste estudo sobre a empregabilidade na Ciência da Religião destacam a intrincada intersecção entre raça, gênero e ocupação profissional. Embora tenha havido um aumento na contratação de mulheres, é alarmante a escassez de representatividade de mulheres negras, indicando uma persistente disparidade racial mesmo após a implementação de políticas afirmativas.

Esse panorama nos leva a refletir como os ensinamentos de Cida Bento (2022) acerca do “pacto narcísico da branquitude” persistem atuais. Vemos nas contratações da Ciência da Religião um acordo sutil que perpetua o poder das pessoas brancas e marginaliza grupos subalternizados, especialmente negros e negras. Esse pacto funciona como um mecanismo de exclusão estrutural, muitas vezes inconsciente, mas profundamente arraigado em nossa sociedade.

Os desafios enfrentados pelos programas de Ciência da Religião, especialmente os que têm avaliações mais baixas, como o programa com conceito três que abriga a maioria de seus docentes negros, evidenciam as barreiras adicionais que os homens negros enfrentam para ascender a cargos mais elevados, quando comparados às mulheres brancas. Isso ressalta a importância de um esforço constante e intencional para promover a diversidade racial e de gênero de forma equitativa.

A disponibilização de informação sobre o quadro discente em muito contribuiria com a pesquisa, principalmente no que diz respeito ao conhecimento e acesso da diversidade étnico/racial e de gênero dos alunos e alunas egressos da Ciência da Religião e que poderiam compor o quadro docente dos programas de maneira, não somente a contribuir com uma maior diversidade, mas também de cumprir com as recomendações do próprio documento da área.

É essencial que continuemos a questionar e desafiar as estruturas sociais que perpetuam essas desigualdades. A Ciência da Religião,

enquanto campo de estudo e prática profissional, desempenha um papel crucial na promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Através de políticas afirmativas verdadeiramente interseccionais e de uma análise crítica das estruturas de poder, podemos trabalhar para superar as barreiras que ainda impedem a plena representatividade de todos os grupos sociais.

Embora este estudo tenha se concentrado na análise da representatividade de negros e negras, é crucial ressaltar que outros grupos minoritários também podem enfrentar desafios na área, como indígenas, pessoas com deficiência e LGBTQIA+, os quais podem ser objeto de pesquisas futuras.

Referências

BENTO, Maria Aparecida (Cida) Silva. O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019-181514/>. Acesso em: 29 mai 2024.

CAPES. Ciências da Religião e Teologia: Documento de Área 2019-2024. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/ciencia-religiao-teologia-pdf#:~:text=A%20%C3%A1rea%20assegura%20em%20todos,pr%C3%B3prio%20que%20lhe%20compete%20investigar>. Acesso em: 27 mai. 2024.

CAPES. Filosofia/Teologia: Documento de Área 2007-2009. Brasília: MEC, 2009. _____. Filosofia/Teologia: Documento de Área 2010-2015. Brasília: MEC, 2015. _____. Tabela de Áreas de Conhecimento/Avaliação. Brasília: MEC, 1 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de--apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

CAPES. Plataforma Sucupira – Área de avaliação 44 – 2017-2020. 2022. Disponível em: <https://sucupira-v2.capes.gov.br/sucupira44/programas?area-avaliacao=44> Acesso em: 28 maio, 2024

COSTA, M. O. Ciência da religião aplicada como terceiro ramo da Religionswissenschaft: uma continuação à tese de Joachim Wach. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, 3., 2019, São Paulo. Anais eletrônicos.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, 10(172), 2002, p. 171-188. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011> Acesso em: 15 ago. 2023.

FUV-VITORIA. Corpo docente. Disponível em: <https://fuv.edu.br/corpo-docente/> Acesso em: 19 de maio de 2024

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4584956/mod_resource/content/1/06%20%20GONZALEZ%2C%20L%C3%A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf > Acesso em: 20 maio, 2024

IBGE. Censo demográfico, 2010 – Características Gerais da População – Resultados da Amostra. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa etnográfica. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html> > Acesso em: 31 mai.,2024.

IBGE. Censo demográfico, 2022a – Características Gerais da População – Resultados da Amostra. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa etnográfica. Disponível em: < https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal Panorama do Censo 2022 (ibge.gov.br) > Acesso em: 31 mai.,2024.

IBGE. Censo demográfico, 2022b – Características Gerais da População – Resultados da Amostra. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa etnográfica. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=39295> > Acesso em: 31 mai.,2024.

KLÖCKER, Michael; TWORUSCHKA, Udo (Eds.). *Praktische Religionswissenschaft: ein Handbuch für Studium und Beruf*. Köln: Böhlau Verlag, 2008.

LONG, Charles H.; JONES, Carolyn M.; and HARDY, Julia M. "From colonialism to community: religion and culture in Charles H. Long's Significations." *Callaloo* 11:2 (Spring 1988): 582-596.

NERI, Marcelo (coord.). *Novo Mapa das Religiões*. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

OLIVEIRA, Marco Davi de. *A Religião Mais Negra do Brasil: por que os negros fazem opção pelo pentecostalismo – 1 ed. Atual. – Viçosa, MG: Ultimato, 2015.*

PUC-CAMP. Corpo docente. 2024. Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/programa-de-pos-graduacao-em-ciencias-da-religiao-doutorado/> Acesso em: 18 de maio, 2024.

PUC-GOIAS. Corpo discente. 2024a. Disponível em: <https://www.pucgoias.edu.br/mestrado-e-doutorado/ciencias-da-religiao/#tab9> Acesso em: 19 de maio, de 2024

PUC-GOIAS. Corpo docente. 2024b. Disponível em: <https://www.pucgoias.edu.br/mestrado-e-doutorado/ciencias-da-religiao/#tab8> Acesso em 19 de maio de 2024.

PUC-MG. Corpo docente. 2024. Disponível em: <https://www.pucminas.br/pos/religiao/Paginas/Docentes.aspx> Acesso em: 21 de maio de 2024.

PUC-SP. Corpo docente. 2024. Disponível em: <https://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-religiao#corpo-docente> Acesso em 19 de maio de 2024.

RAMOS, Giovane. ALMA PRETA, 2023. 7,4% dos professores de pós-graduação são negros ou indígenas Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/apenas-74-dos-professores-de-pos-graduacao-sao-negros-ou-indigenas-revela-estudo/> Acesso em: 20 de maio, 2024.

SILVA, Vagner Gonçalves da. “Religião e identidade cultural negra: católicos, afrobrasileiros e neopentecostais”. Cadernos de Campo, São Paulo, v.20, n. 20, jan./dez. 2011.

SMPIR – Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade – Diversidade étnico-racial e pluralismo religioso no município de São Paulo. São Paulo: SMPiR, 2016. Disponível em: < https://www.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Perfil-Social-Racial-e-de-Gen%C3%AAs-Aro-das-200-Principais-Fornecedores-da-Prefeitura-de-S%C3%A3o-Paulo_DIGITAL.pdf > Acesso em: 17 mai. 2024.

STERN Fábio L.; COSTA, Matheus O (Orgs.). Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

UEPA – PARÁ. Corpo discente. 2024a. Disponível em: https://sigaa.uepa.br/sigaa/public/programa/alunos.jsf?lc=pt_BR&id=830 Acesso em: 18 mai. 2024.

UEPA – PARÁ. Corpo docente. 2024b. Disponível em: https://sigaa.uepa.br/sigaa/public/programa/equipe.jsf?lc=pt_BR&id=830 Acesso em: 18 de maio de 2024

UFJF. Corpo docente. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppcir/corpo-docente/> Acesso em 19 de maio de 2024

UFPB-PARAÍBA. Corpo docente. 2024a Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/alunos.jsf?lc=pt_BR&id=1902 Acesso em: 18 de maio de 2024

UFPB-PARAÍBA. Corpo docente. 2024b. Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/equipe.jsf?lc=pt_BR&id=1902 Acesso em: 18 de maio de 2024

UFS-SERGIPE. Corpo docente. 2024. Disponível em: <https://www.pucminas.br/pos/religiao/Paginas/Docentes.aspx> Acesso em 21 de maio de 2024

UMESP. Corpo docente. 2024. Disponível em: <https://metodista.br/stricto-sensu/ciencias-da-religiao/corpo-docente> Acesso em: 19 de maio, 2024

UNICAP-PERNAMBUCO. Corpo docente. 2024. Disponível em: https://portal.unicap.br/web/unicap/ciencias-da-religiao-ppgcr#presencial/o_programa/o_programa/corpo_docente Acesso em: 18 de maio, 2024.

USARSKI, Frank. História da Ciência da Religião. Em: PASSOS, João Décio e USARSKI, Frank (Orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulus, 2013. pp. 51-62.

USP. JORNAL DA USP. Critérios de atuação da comissão de heteroidentificação, 2022, São Paulo. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-define-criterios-de-atuacao-da-comissao-de-heteroidentificacao-no-vestibular/> Acesso em: 27 mai. 2024.

Uma década mantendo-se da ciência da religião: um relato de experiência do ensino religioso

Rodrigo Bruno de Souza

Licenciado pleno em Ciência da Religião (UFPA)

Membro da ACREPA

À medida que ampliamos nossa visão, nosso horizonte se expande por todos os lados, e onde quer que haja vestígios de vida humana, também existirão vestígios de religião (2ª Palestra: 26/02/1870 – F. Max Müller 1823 –1900).

Introdução

Este texto relato de experiência de 2024, precisamente no final do mês de março, completei uma década atuando na docência da educação básica no componente curricular: Ensino Religioso. Que certamente, deveria ser nomeado como a área de conhecimento que forma os licenciados, ou seja, ciência da religião. Estes 10 anos de docência, produz, provoca, faz iniciar o ano apresentando um panorama geral do referido componente, buscando desconstruir a ideia de que a área que forma não tem relação com a teologia, que é uma área onde impera a pluralidade de visões religiosas como refere-se Tiele (2018, p.222), existem tantas teologias quantas forem as religiões éticas ou que seus devotos consideram religiões reveladas.

Imagem 1: Laboratório confecções de jogos com símbolos religiosos



Fonte: Acervo do autor.

Dito isso, podemos entender que por exemplo há a ocorrência da teologia espírita, teologia da umbanda, teologia do hinduísmo, teologia do santo daime, entre tantas outras. E continua Tiele (2018, p. 222), mas há apenas uma ciência da religião.

Todo esse tempo sempre trabalhei em escola pública, isso me faz tratar a área com o devido respeito. Pois, o público que atendo é do 6º, 7º, 8º, 9º anos e EJA¹ (Educação de Jovens e Adultos), ou seja, educandos de 11 anos de idade em diante... E, realizo a seguinte leitura da sala de aula na escola pública que se divide em três maneiras de ser:

- Os *frequentadores*, ou seja, os que creem e pertencem a instituição religiosa, ao que parece, vão em função dos pais/responsáveis (não se sabe se espontâneo e/ou por herança familiar) predominantemente o cristianismo pentecostal;
- Os *eventuais*, ou seja, os educandos que vão apenas a uma programação religiosa específica (terá, algo, sendo possível até paquera, no final da celebração – pipoca, pizza, outros) e;
- Os *sem religião*, não tem muito a ver com o conceito de fato. Mais, mesmo com a pouca idade já pensam não ser relevante a participação. Pois, tira a liberdade. Mais, dizem crer.

Penso ser interessante apresentar a Resolução CNE/CP 5/2018, em seu artigo 2º, O curso de licenciatura em ciências da religião constitui-se como habilitação em nível de formação inicial para o exercício da docência do Ensino Religioso na Educação Básica. Pois bem, da trajetória interiorana ao banquete² do conhecimento. Eu sou natural do município de Altamira (PA), o mais novo de quatro irmãos, criado e educado por minha avó (*in memoriam*) e mãe, concluí no ano de 2000 o ensino médio, submetendo-me ao primeiro vestibular para agronomia (Campi UFPA – Altamira). Infelizmente, no ano seguinte tentei novamente cursar e não consegui. Dessa forma, o trabalho e diversão foram as paisagens que vislumbrei. Em dezembro do ano 2004, próximo ao Natal, sofri paralisia (choque) facial e fiquei internado neste período.

1 Essa modalidade trabalhei por pouco tempo, pois turmas fecharam por fatores diversos (ônibus danificados, estradas ruins, outros).

2 Recordo o título do livro do filósofo grego Platão (428 – 348 a.C.), pois entendo que chegar a esta etapa de estudo seja favorecer o exercício do amor ao conhecimento.

No decorrer de 2005, fiz-me presente em outras experiências, o contato com o universo da religião institucional fora do domicílio. Já, em 2006, decolei para a Capital (Belém – PA), para a possibilidade de tornar-me sacerdote católico. Descrevo como uma experiência decisiva! Em uma das aulas do seminário São Pio X, em Ananindeua³, na disciplina Antropologia Cultural, indaguei a professora com a seguinte questão: uma equipe litúrgica se desloca ao interior (Marajó, por exemplo) para celebração e no decorrer da viagem as hóstias molham e/ou a garrafa de vinho canônico quebra em uma travessia a barco pelos rios do estado. Eu poderia substituir a hóstia pelo beiju e o vinho pelo açaí? Neste momento percebi que o conhecimento estava direcionado, limitado. Entendi que preciso de foco! Abandonei a vida sacerdotal⁴. Minha aproximação foi ingênua? Como pode ser observado, não tinha sequer experiências de igrejas anteriores.

A exigência, que minha avó recomendava, era que fôssemos a missa no período natalino e respeitássemos os ensinamentos da/na Semana Santa. Em Altamira (PA), até aproximadamente o ano de 1999, não se tinha energia elétrica definitiva, durante o dia se tinha energia para tocar o comércio local e a noite sem qualquer traço de energia elétrica, isso tirando a semana da lua cheia que encantava a todos e onde brincávamos bastante. Nos outros dias a lamparina de querosene fumava nosso brincar.

O desligamento institucional do Seminário⁵ me levou a enfrentar a vida fora do palácio. Por sinal, agradável, mas distorcida! Dessa forma, final do ano de 2007 fui buscar abrigo na residência da minha tia materna no município de Marituba (PA), no bairro denominado Che Guevara (fruto de ocupação nos anos 1996-97). Esse processo de saída foi desafiante! O referido reitor, ofereceu uma contribuição financeira e uma espécie de bolsa de estudo, foi então que cursei na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) bacharel em ciências sociais (2007-2010/ Semipresencial) na capital. Como sempre quis algo a mais, nos anos de 2008 e 2009, tentei vestibular para filosofia na UFPA e ciências da religião na UEPA, ambas em Belém/PA. Obtive êxito na UEPA, iniciando assim a segunda graduação, entre os anos 2010-2013 (regular).




3 Na região metropolitana de Belém (PA), localizado na BR-316, km 6 em frente ao batalhão da PM.

4 Fui batizado em 3 de julho de 1999, com 17 anos e o outro sacramento de iniciação cristã, chamado Crisma, ocorreu no dia 20 de junho de 2004, aos 22 anos.

5 Casa de Formação Francisco Albertini em Ananindeua (PA).

Durante esse período a UEPA sempre ocorreu eventos nos mestrados de educação⁶ e posterior no mestrado em ciências da religião⁷, e eu acompanhava os debates e as bancas de defesa, por sinal, experiências fantásticas. Inscrevi-me na seleção de Mestrado em Educação no ano de 2011, passando pela 1ª fase, mas na fase seguinte fui eliminado. Já ano seguinte, na seleção do mestrado em ciências da religião, fui eliminado logo na primeira fase. Nesse momento, sabia que podia tentar, porém, não saberia se cursaria, pois naquela época vivia da bolsa estudo de R\$ 400,00 (quatrocentos reais).

Como não tinha segurança de conquista de uma bolsa e a concorrência era bem acirrada, aquietei-me! A luta por viver e sobreviver era mais determinante! E nisso, autoestima era testada no cotidiano. Assim, concluí a segunda graduação e teve início a busca para o exercício da profissão de professor do componente curricular de Ensino Religioso, praticamente de janeiro a março de 2014, indo à Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Marituba (PA) em busca de trabalho (contratado). Foi difícil [...], mas consegui! Abaixo o 1º memorando do contrato:

	
MEMORANDO Nº. 0399/2014 - SEMED Marituba/PA, 21 de março de 2014	
PREFEITURA MUNICIPAL DE MARITUBA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DIVISÃO DE APOIO ADMINISTRATIVO	
DIRETOR (A) DA E.M.E.F. INÁCIO RODRIGUES DA CUNHA	
ASSUNTO: APRESENTAÇÃO (PAZ)	
De acordo com a lotação/2014, apresentamos a V.Sa. o servidor RODRIGO BRUNO DE SOUSA , licenciado em Ciência da Religião, para que a partir desta data, faça parte do quadro funcional desse estabelecimento, na função de Professor de Ensino Religioso com 40h, conforme o ofício nº 681/2014 - SEMED.	
Romário Bruno de Sousa 24.03.14	Atenciosamente,  MARIA DE NAZARÉ SOUZA NASCIMENTO Diretora do Departamento Administrativo
	Recebido em 25/03/14.  Romário Bruno de Sousa por lotação

Apresento as oito escolas em que trabalhei o componente curricular:


- EMEF Inácio Rodrigues da Cunha
- EMEF Santa Tereza D'ávila
- EMEF Parque das Palmeiras
- EMEF Pe. Romeu Pires Borges (entregue)

6 Reconhecimento: Mestrado, através da portaria nº 2642 de 28/07/2005.

7 Reconhecimento: Mestrado, através da portaria nº 1325 de 22/09/2011. Com reconhecimento do Doutorado, através da Portaria nº. 2149 de 27/12/2023.

- EMEF Eduardo Lauande
- EMEF Dona Mora Guimaraes
- EMEF Nossa Senhora da Paz (entregue)
- EMEF Santa Rita

Este caminho traçado nessas experiências, nestes territórios escolares acima citados se deu precisamente do primeiro memorando datado de 21 de março de 2014, destaco que no corpo do texto do mesmo tem-se “*Licenciado em Ciência da Religião*” ao requerimento de pedido de exoneração de 25 de junho de 2018, que apresento a seguir:

		PREFEITURA MUNICIPAL DE MARITUBA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO REQUERIMENTO		Prefeitura Municipal de Marituba Secretaria Municipal de Educação PROTOCOLO Nº 37.671/2018 Data 25/06/2018 Guilherme Araújo	
EXMO (A) SR.(A) <u>KATIA SANTUS</u>				FONE <u>91 98865 9322</u>	
NOME <u>RODRIGO BOWAO DE SOUSA</u>		CARGO <u>PROFESSOR</u>		LOTACAO/ESCOLA <u>SANTA TEREZA D'AVILA</u>	
MATRICULA <u>009681</u>	NASCIMENTO <u>02-05-1982</u>				
TEM REQUERER A ... QUE LHE SEJA CONCEDIDO					
<input type="checkbox"/> LICENÇA ESPECIAL		<input type="checkbox"/> LICENÇA P/ TRATAR DE INTERESSES PARTICULARES			
<input type="checkbox"/> LICENÇA SAÚDE		<input type="checkbox"/> 2ª VIA CONTRA-CHEQUE			
<input type="checkbox"/> LICENÇA MATERNIDADE		<input checked="" type="checkbox"/> EXONERAÇÃO/DISPENSA DE FUNÇÃO			
<input type="checkbox"/> SALÁRIO FAMILIA		<input type="checkbox"/> FÉRIAS			
<input type="checkbox"/> CERTIDÃO DE TEMPO DE SERVIÇO		<input type="checkbox"/> OUTROS			
ANEXADO (S) <u>04</u> DOCUMENTO (S) NECESSÁRIO (S) À SOLUÇÃO DO ASSUNTO PARA QUE PRESTA AS COMPLEMENTARES.					
<u>VENHO POR MEIO DESTA REQUERER MINHA EXONERAÇÃO, MEDIANTE CONVOCAÇÃO PARA NOVEAÇÃO EM CONCURSO PÚBLICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE PARAUAPEBAS, PUBLICADO NO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO Nº 33631 EM 06 DE JUNHO DE 18, MOTIVADO PELA INCOMPATIBILIDADE DE HORÁRIOS E DESLOCAMENTOS.</u>					
EM: <u>25/06/2018</u> .				ENCAMINHE-SE	
<u>RODRIGO BOWAO DE SOUSA</u>				<u>25/06/2018</u>	
ASSINATURA DO REQUERENTE				M. Clara Mônica Gonçalves Vieira Pedagoga - Gestora Escolar	
				ASSINATURA DA CHEFIA IMEDIATA	

Neste período de pouco mais de 4 anos, fui exonerado 2 vezes. Retornei por intermédio de 2 diretoras. De 6 em 6 meses o terror vivido por contratado foi eminentemente cruel. Tudo girou em torno de politicagem, ou seja, “judicialização” da/na política local, acrescento que nesse período o município passou por 2 prefeitos, um vice-prefeito e o presidente da câmara legislativa. Trazendo à tona que a corda sempre arrebenta do lado mais frágil, eu fui um desses. Pois, a insistência em conseguir ocorreu sem indicação de vereador ou alguém da política local. Ênfase, também ninguém dessas escolas me pediu que trabalhasse questões voltadas a eventos religiosos do cristianismo católico ou evangélico, por exemplo. Observando a data do pedido de exoneração, faltava cerca de 5 dias para as férias de julho, esse pedido gerou o não recebimento do salário do mês cumprido e nenhum acerto financeiro. Obrigando-me a fazer empréstimo. Que bom que fui aprovado. Socializo que sentia receio de retornar ao município de Marituba (PA). Mas, avançamos que o interessante chegaria à frente.

Certamente deixei de lado a busca pelo mestrado, mas cursei especializações:

- Metodologia do Ensino Religioso (Uninter – 2015),
- Saberes Africanos na Amazônia em Castanhal (UFPA – 2015)
- Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia (Uniassevi – 2016).

No início do ano de 2018, realizei o 6º concurso público⁸ em Parauapebas/PA, sendo chamado em meados do mês de maio do mesmo ano. Portanto, usufrui como professor *concurado*⁹ do componente curricular Ensino Religioso na Educação Básica do Campo no município de Parauapebas (PA), desde meados de 2018. Apresento as escolas deste novo território:

- EMEF 18 de outubro (Assentamento Carlos Fonseca).
- EMEF Antônio Vilhena (CEDERE I).

⁸ O 1º Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura/SEDUC (2012); 2º no Acará (2012-fibra); 3º em Salvaterra (2015-Ágata); 4º em Ananindeua (2015-cetap); 5º em São Joao de Pirabas (2016-cetap), todos no Pará.

⁹ Certamente pela Existência e Atuação política da ACREPA - Associação dos Cientistas da Religião do Pará, fundada em 29 de março de 2007.

- EMEF Crescendo na Prática (Assentamento Palmares II, que foi transformada em Escola de Tempo Integral no ano 2022, sendo até o momento das 14 escolas do Campo, a única de tempo integral).

O desembarque neste território se deu nas três escolas (totalizando 34 turmas, ou seja, 170h), como não tenho transporte próprio, utilizava o ônibus escolar, que dependendo do dia embarcava as 05:20h da manhã. Tenho duas crianças (nascidas em 2013, Fernando e 2015, Isis), neste período sempre saía de casa (eles estavam dormindo, tinha dia que chegava, as 22h eles já estavam dormindo).

E a segurança do concurso público e suas garantias, me impulsionaram para a submissão aos programas de Pós-Graduação em História/PPGHist e a Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia/PDTSA (ambos na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará/UNIFESSPA – Marabá (PA)), chegando no primeiro até a fase da entrevista e ao segundo aprovação no ano de 2019, para início letivo em 2020. Quando encerrou a licença estudo retornei unicamente para a escola de tempo integral. E como é agradável pertencer a uma escola, única direção, coordenação, grupo de zap. Vivenciando e convivendo com os educandos, tendo a oportunidade de memorização dos nomes dos mesmos, estou atualmente com 18 turmas. Neste lugar, também nunca me pediram para realizar algo que ferisse a postura do graduado em ciência da religião. Como já dissera o teólogo moderno Tiele (2018, p. 221),

Não é sua vocação defender nenhuma dessas formas como a melhor, ou talvez a única forma verdadeira – ele deixa isso para os apologetas. Tampouco tenta purificar, reformar ou desenvolver a própria religião – essa é a tarefa do sacerdote e do profeta. Ele desconhece hereges, cismáticos ou pagãos; para ele, como homem de ciência, todas as formas religiosas são simplesmente objetos de investigação, diferentes línguas em que se expressa o espírito religioso, meios que lhe permitem penetrar no conhecimento da própria religião, supremo acima de tudo.

Pois, bem Passos e Usarski (p. 20, 2013) o compromisso do cientista da religião com o princípio da abstinência de julgamento da suposta qualidade dos fenômenos religiosos investigados”. E ainda Passos e Usarski, p. 20, 2013, citando Cook, o cientista da religião não pergunta: concordamos com uma determinada crença ou costume? E acrescento, segundo Passos e Usarski, p.21, 2013, que

Autores como Morris Jastrow e outros, salientavam também a necessidade de abster-se de questões metafísicas, uma vez que perguntas dessa natureza se localizam em um “domínio alheio” e “obscurecem os problemas submetidas à investigação.

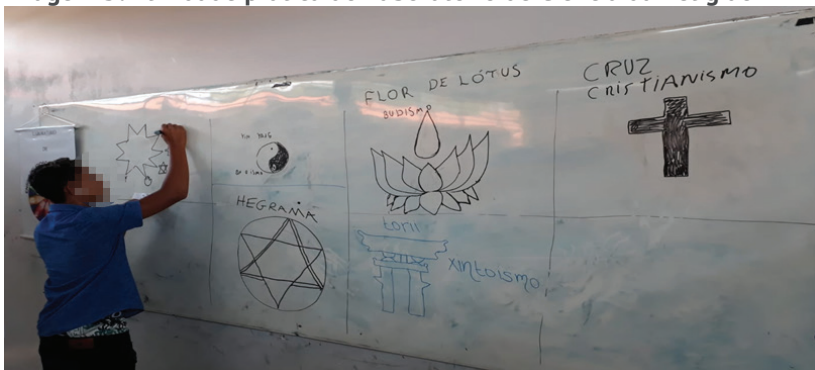
O texto apresenta o devido tratamento ao fenômeno religioso, ou melhor, aos fatos religiosos que estão e são presente no cotidiano social, cultural e religioso, e que as citações nos mostram concepções, dados, pesquisas, estudos, observações sobre o imaginário religioso que devemos realizar a transposição didática para o público da educação básica.

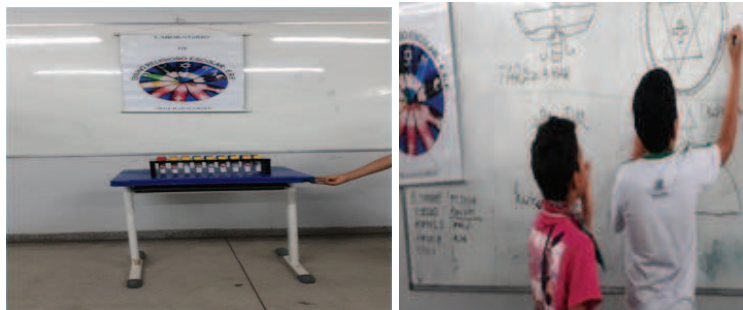
Imagem 2: Resultado do laboratório confecções de jogos com símbolos religiosos



Fonte: Acervo do autor.

Imagem 3: Atividade prática do Laboratório de Ciência da Religião





Fonte: Acervo do autor.

Considerando e lecionando

Penso ser adequado apresentar a reflexão do professor do departamento de estudos das religiões da universidade no sul da Dinamarca, Jensen (2018, p. 67-68),

Quando o ER é ministrado a alunos de escolas públicas, é na qualidade de alunos, e não da de, digamos, protestantes ou sunitas, ateus ou “nenhuma das anteriores”; quando os professores lecionam a disciplina, fazem-no como profissionais, como professores educados conforme uma abordagem científica e didaticamente “sã” do fenômeno humano e social a que chamamos religião.

O interesse em tornar-me docente concursado na educação básica foi e é uma meta buscada, trabalhada, acessada... A luta continua.... Sinto-me privilegiado, pois sou graduado por universidade pública estadual, com isso professor efetivo no município de Parauapebas (PA), somando a essa estabilidade resultou na entrada no mestre por universidade pública federal (sou tri) o qual considero minha maior conquista. Viva o serviço público! É sabido que o instrumento de pessoas da classe trabalhadora é o estudo, o estudar, estudando. Rumo ao doutorado em instituição pública. Próxima meta a acessar...

Referencias

BRASIL. Resolução CNE/CP 5/2018. DOU, Brasília, 31/12/2018, Seção 1, pp. 64 e 65.

JENSEN, Tim, O estudo acadêmico laico (ou não religioso) da religião como base para comunicação e compreensão interculturais. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). *Política, Religião e Diversidades: Educação e Espaço Público (Vol. 1)*. Florianópolis: ABHR / Fogo, 2018, p. 50-75.

MULLER, Max. Primeira palestra. Trad. Pedro Rodrigues Camelo. REVER, v. 20, n. 1, p. 305-329, 2020.

MÜLLER, Max. Introdução à ciência da religião – tradutor Brasil Fernandes de Barros. Edição traduzida e comentada. Editora senso. Belo Horizonte, 2020. *Clássicos da ciência da religião*.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciência da Religião*. – São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013.

TIELE, Cornelis Petrus. *Concepção, objetivo e método da Ciência da Religião*. Trad. Waldney Costa. REVER – v. 18; n. 3; p. 217-228 / set/dez 2018.

USARSKI, Frank, TEIXEIRA, Alfredo, PASSOS, João Décio. *Dicionário de Ciência da Religião*. – SP: Paulinas; Loyola; Paulus: 2022. 920 p.

Ciência da religião e relações internacionais: a presença da análise religiosa nas dinâmicas globais

Ana Beatriz de Andrade Delgado Ruggeri

Mestranda em Ciências das Religiões (UFPB)

Este trabalho investiga o diálogo entre a ciência da religião (CR) e as relações internacionais (RI), destacando a crescente relevância da religião em um mundo interconectado e plural. Embora as teorias de RI tradicionalmente tenham relegado a dimensão religiosa a um segundo plano, é necessário reconhecer que a religião continua a exercer influência nas decisões políticas, nos diálogos inter-religiosos e na formulação de políticas externas. Nesse contexto, a atuação dos cientistas da religião contribui para um entendimento mais abrangente das complexas relações que definem o cenário contemporâneo.

O livro *A Secular Age* de Charles Taylor, oferece uma genealogia dos eventos e desconfortos que moldaram o mundo secularizado em que vivemos. Segundo Taylor, a secularização fragmentou a identidade humana, gerando uma multiplicidade de crenças e valores, transformando a maneira como percebemos o mundo e buscamos significado. Ele vai além de uma análise sociológica e antropológica da secularização, abordando também, de forma filosófica, como lidamos com esse momento, examinando os eventos e as raízes históricas que conduziram a essa mudança e como ela impacta todas as esferas da vida social.

Um dos conceitos de secularidade, segundo Taylor, envolve mais do que a simples ausência de religião. Ele abrange as condições em que nossas experiências morais e espirituais se desenrolam, moldadas por uma pluralidade de crenças e pelo declínio da tradição. Taylor enfatiza que, mais do que o desaparecimento da religião, o que ocorre é uma reformulação dessas experiências. O sagrado e o religioso não foram eliminados, mas reinterpretados dentro de uma nova configuração cultural. Isso não nega sua relevância, mas adapta essas dimensões a um contexto onde a transcendência é vista de forma diferente.

Eric Voegelin, no livro *As Religiões Políticas*, apresenta a importância da intersecção entre religião e política ao longo da história, afirmando

que as sociedades frequentemente se estruturaram em torno de crenças religiosas que moldaram suas ordens sociais. Voegelin nos mostra que tanto a política quanto a religião compartilham uma raiz comum na experiência humana do sagrado, manifestada na busca por sentido e ordem. A política, ao regular o poder e a justiça na sociedade, não pode ser dissociada das concepções morais e religiosas que orientam as ações humanas.

Com efeito, essas perspectivas, de Taylor e Voegelin, convergem ao criticar a noção simplista de que o progresso da modernidade e a secularização resultaram no desaparecimento da religião. Ambos os autores afirmam que, embora as práticas religiosas tenham sido reconfiguradas de alguma maneira, seu impacto na vida pública e política permanece significativo. O secularismo moderno, que propõe a separação entre religião e Estado, surgiu como resultado de um processo histórico que afastou as sociedades ocidentais de suas bases religiosas, especialmente com a ascensão do Estado Moderno e da democracia representativa. No entanto, mesmo em sociedades seculares, a religião continua a exercer influência, nunca foi completamente eliminada.

Nesse contexto, o afastamento da crença no pensamento contemporâneo criou ideologias políticas que substituem a realidade histórica por abstrações, rompendo com a tradição e esvaziando as experiências concretas. Essas ideologias preenchem o vazio deixado pela perda da fé, oferecendo aos indivíduos uma “redenção” através de uma ordem política totalitária. Contudo, essa transformação é perigosa, pois desumaniza os indivíduos ao subordiná-los a uma narrativa de poder e controle, frequentemente em nome de uma promessa utópica de salvação da sociedade. Assim, reconhecer a dimensão espiritual da existência revela as limitações da política, que não pode satisfazer completamente o anseio humano por sentido e verdade.

Destarte, ao se considerar o impacto contínuo da religião, é necessário abordar também seu papel nas RI. Tradicionalmente, as RI se concentra na análise das interações políticas, econômicas e sociais entre Estados e outros atores internacionais, incluindo organizações governamentais, não governamentais e empresas multinacionais. O objetivo é compreender e explicar as dinâmicas de poder, cooperação, conflito e diplomacia no cenário global. Contudo, subestimar o papel da religião nessas interações é um erro, pois ela tem influência tanto nas decisões políticas quanto nos comportamentos sociais.

Historicamente, a secularização das teorias em RI, como o realismo e o liberalismo, negligenciou a dimensão religiosa, o que expôs

limitações na análise do sistema internacional. A visão predominante sustentava que, com o avanço da modernidade e do racionalismo, as instituições seculares – representadas pelos Estados-nação e pelas organizações internacionais – substituiriam progressivamente as estruturas religiosas como os principais atores no cenário global. Essa perspectiva, alicerçada na teoria da secularização, pressupunha que a religião perderia gradualmente sua relevância tanto na vida pública quanto na política internacional, e que o mundo seguiria inexoravelmente rumo à “laicização”. Contudo, essa abordagem subestimou o papel persistente e, em muitos casos, crescente da religião, especialmente em momentos de crise identitária e cultural no contexto da globalização. Longe de se restringir ao âmbito privado ou eclesiástico, a religião exerce uma influência ativa na construção de ordens políticas, como evidenciado por inúmeros exemplos históricos.

A Guerra das Cruzadas, que ocorreu entre o final do século XI e o início do século XII, exemplifica como a religião moldou as decisões políticas de Estados e líderes. A Reforma Protestante do século XVI, seguida por conflitos religiosos como a Guerra dos Trinta Anos, reforça essa interconexão, mostrando que as disputas religiosas moldaram o cenário europeu por séculos. No século XX, a religião continuou a ser um elemento chave em eventos globais. A Guerra do Golfo (1990-1991), por exemplo, demonstrou como líderes políticos, como Saddam Hussein, usaram a religião muçulmana para legitimar um conflito internacional. Os ataques de setembro de 2001 e a subsequente Guerra ao Terror são outros exemplos de como a religião influenciou diretamente a política externa dos Estados Unidos, moldando alianças internacionais e a percepção global do terrorismo.

Conflitos religiosos também são recorrentes em outras regiões, como na África e no Oriente Médio, onde divergências entre tradições religiosas intensificam as tensões políticas. O conflito entre Israel e Palestina é um dos exemplos mais emblemáticos dessa interseção entre religião e política, em que reivindicações de natureza religiosa alimentam disputas territoriais há décadas. Essas tensões vão além das meras diferenças políticas, sendo profundamente enraizadas em narrativas religiosas e históricas, o que contribui para a perpetuação do conflito e dificulta a busca por soluções duradouras.

Há uma tendência, conforme discutido, de estabelecer uma separação rígida entre política e religião, resultando em uma distinção completa entre essas esferas. O secular sendo o que é não religioso, lidando com questões políticas, sociais e culturais de forma autônoma,

desvinculada de qualquer transcendência, enquanto o religioso envolve crença, fé e prática devocional. Tal divisão implica que as instituições políticas e governamentais devem operar de maneira independente, sem a influência de preceitos religiosos, enquanto as questões religiosas ficam restritas ao domínio das comunidades de fé. Porém, como argumentado pelas perspectivas discutidas inicialmente, é equivocado pressupor o secularismo como uma neutralidade religiosa absoluta, dado que a própria natureza humana está enraizada em valores e tradições religiosas. A ideia de uma separação completa ignora o fato de que as crenças continuam a influenciar as concepções de justiça, moralidade e poder dentro das instituições.

Nesse contexto, a modernidade pode ser compreendida como uma era de múltiplas ideologias, que oferecem diferentes interpretações do mundo e da história, enfrentando o desafio da relativização e do pluralismo. A globalização intensificou o encontro e o confronto entre diversos sistemas de crenças, criando um ambiente em que as ideologias competem para fornecer explicações abrangentes da realidade. Nesse cenário, a secularização, ao invés de eliminar a religião, reconfigurou seu papel nas sociedades contemporâneas.

Portanto, é inadequado falar em um “ressurgimento” dos fenômenos religiosos, pois eles nunca desapareceram completamente. A religião sempre esteve presente na vida social, mesmo quando subestimada pelas ciências sociais em suas análises secularistas (Cazzaniga, 2019, p. 10). O que pode ocorrer é uma transformação das expressões religiosas, diante dos novos contextos culturais. Reconhecer essa continuidade é fundamental para compreender as dinâmicas sociais e políticas, visto que a religião, longe de ser um fenômeno em declínio, continua a influenciar os rumos das sociedades contemporâneas.

Além disso, a religião desempenha um papel ambivalente nas relações internacionais: pode ser tanto uma fonte de conflito quanto uma ferramenta para cooperação e diálogo entre as nações. A compreensão dessa influência religiosa é importantíssima para a formulação de políticas mais eficazes e para orientar a atuação dos atores internacionais.

No campo acadêmico, o curso de Relações Internacionais surge sob a influência de uma era secularizada. Isso gera desafios significativos na inclusão da religião nos estudos de RI, dada a tendência secularizada que exclui a religião do debate.

Historicamente, a área das RI como disciplina acadêmica surge após a Primeira Guerra Mundial, tendo como parte de seus pressupostos epistemológicos a marca da teoria da secularização. A

crença comum nas ciências sociais de que religião se tornaria um fenômeno secundário e sem importância, também, a maioria das teorias das RI, que não incluem a religião por dois fatores: um ideológico e outro epistemológico (Oliveira, 2021).

A inclusão da dimensão religiosa nas análises de RI exige uma abordagem interdisciplinar e uma perspectiva que considere as interações entre crenças religiosas, ideologias políticas e dinâmicas sociais. Religiões como o Cristianismo contribuíram para a valorização da dignidade humana, exemplificada por movimentos como o abolicionista e a criação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Destarte, a religião pode sim combater injustiças globais, promovendo a justiça e a solidariedade, influenciando a governança global.

A análise de Peter Berger sobre a “desseccularização” adquire uma relevância no contexto brasileiro, dada a pluralidade religiosa e a rica história de interações entre fé, cultura e política no país. Uma vez que a modernização, em lugar de suprimir a religião, muitas vezes gera um fortalecimento dos movimentos religiosos. No Brasil, esse fenômeno é evidente, com o crescente protagonismo de grupos religiosos na bancada evangélica do Congresso Nacional, influenciando discussões sobre direitos humanos, educação e questões éticas. Esse processo reflete um cenário mais amplo, no qual a religião, longe de ser relegada ao espaço privado e comunitário religioso, retorna ao centro das discussões públicas e políticas, moldando tanto a agenda interna quanto externa do país. O impacto de movimentos como o neopentecostalismo reverbera essa dinâmica, mostrando que, no Brasil, a religião permanece como um fator sociopolítico ativo e estratégico.

Nesse cenário, a Ciência da Religião, ao analisar a complexidade das crenças e práticas religiosas, oferece uma base teórica para compreender as interações propostas neste ensaio. Sua natureza interdisciplinar a torna um recurso valioso não apenas para o meio acadêmico, mas também para a prática diplomática. A atuação de cientistas da religião contribui para a construção dialógica entre diferentes tradições religiosas. Ao integrar essa dimensão nas análises de RI, não apenas se aprofunda a compreensão das interações globais, mas também se desenvolvem políticas mais sensíveis às especificidades culturais e religiosas que permeiam o cenário contemporâneo.

Pensando na atuação dos cientistas da religião nas RI, é necessário delimitar o escopo profissional. Esses especialistas podem contribuir para a compreensão do papel da religião nas interações globais, oferecendo orientação em temas relacionados ao fenômeno religioso e

suas implicações. Além de auxiliar na análise de conflitos internacionais, os quais apresentam motivações religiosas, podem investigar o surgimento de movimentos religiosos e participar de processos de mediação. Também é possível que ofereçam consultoria a organismos internacionais sobre liberdade religiosa e direitos humanos em diálogos inter-religiosos. Outra oportunidade é sua participação em debates sobre o papel da religião em questões de migração e disputas étnicas, como observado em países europeus com comunidades muçulmanas.

Essa expertise possibilita que atuem como consultores em contextos em que governos ou organizações internacionais enfrentam desafios relacionados a crenças religiosas. Os cientistas da religião podem facilitar um entendimento mais informado, mediando diálogos que levam em consideração as nuances culturais e religiosas, haja vista que possuem a capacidade de interpretar símbolos, rituais e crenças que podem parecer distantes para outros analistas. Essa habilidade é especialmente importante em situações de conflito, onde a falta de compreensão pode resultar em mal-entendidos. Ademais, a atuação dos cientistas da religião pode se estender ao desenvolvimento de projetos para a preservação do patrimônio cultural e religioso em colaboração com as agências especializadas da ONU (Organização das Nações Unidas). Contudo, esses exemplos não esgotam todas as possibilidades. Dada a complexidade da religião, é função do cientista da religião tornar visível seu papel nas relações internacionais, demonstrando na prática o valor de sua expertise para auxiliar na compreensão e resolução de questões internacionais.

Com efeito, apesar do crescente interesse global por temas que integram religião e política, as pesquisas acadêmicas no Brasil ainda revelam uma carência nas investigações que abordam essa relação entre a CR e as RI. Dessa forma, essa lacuna acadêmica indica que, embora a religião esteja se tornando cada vez mais relevante no cenário internacional, o campo de estudo no Brasil ainda não avançou de maneira substancial.

Em conclusão, a integração da dimensão religiosa nas análises de RI é importante para uma compreensão mais completa e eficaz das interações globais. Para avançar nesse campo, é necessário desmistificar preconceitos acadêmicos que relegam a religião a um tema isolado e irrelevante para a política internacional. A adoção de uma abordagem interdisciplinar que inclua a CR nas RI não apenas enriquecerá o debate acadêmico, mas também poderá informar melhor os tomadores de decisão. Portanto, promover a pesquisa nessa área e incentivar a colaboração entre cientistas da religião e internacionalistas se torna uma

necessidade premente, a fim de produzir análises que reflitam a realidade multifacetada da atualidade.

Referências

BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. In: *Religião e Sociedade*, vol. 21, nº 1, CER/ISER, Rio de Janeiro, p. 10, 2000.

CAZZANIGA, Mauro. *Religião e secularismo nas relações internacionais: um espaço para a religião na política internacional*. 2019. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

OLIVEIRA, Antonio Genivaldo C. de. *A religião na literatura das relações internacionais: abordagens teóricas, desafios e temas em discussão*. São Paulo, v. 21, n. 2, 2021.

TAYLOR, Charles. *A secular age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

VOEGELIN, Eric. *As religiões políticas*. Rio de Janeiro: Vega, 2002.

A ciência da religião aplicada à festa católica de Corpus Christi: um projeto de extensão

Stanley de Araújo Barbosa

Mestrando em Ciência da Religião (PUC-SP)

Muito ou pouco se fala do papel do cientista da religião em meios as festas populares de devoção. Por este ser, além de um riquíssimo objeto de estudo para tal cientista, é também um campo profilático de atuação deste dentro da sociedade. Nas festas, sejam elas laicas ou religiosas, oficiais ou populares – em sua multiplicidade de manifestações, recortando o país de norte a sul, de leste a oeste – mostram uma maneira singular de viver o fato coletivo, de perceber o mundo e de se relacionar. São vias reflexivas privilegiadas de se penetrar no coração da sociedade brasileira em específico (Perez, 2011). E se penetra pelas portas das cidades, na igreja, na praça, e nos lugares onde a festa acontece.

Quando o campo da religião é estudado, é necessário lembrarmos que ele é marcado pelo distintivo do mundo ritual, ou seja, a partir de uma concepção e cosmovisão de mundo portadoras de características populares que se organizam, que dá sentido e significado ao religioso. Por isso, é o mundo ritual que legitima suas ações, que trata Bourdieu (1982, p.82-90), nesse sentido, ele é ordenado por códigos e linguagens que são, para o religioso, interpretativas.

O termo e conceito de *ciência prática da religião* ou *ciência da religião aplicada*, será entendido neste trabalho como conceitos sinônimos, e sob tal relevância, pensar o papel do cientista da religião e como aplicar esse conhecimento adquirido epistemologicamente, atuando em diversos segmentos da sociedade. Neste caso, como o seu conhecimento pode ser útil e aplicado na festa popular católica, *Corpus Christi*.

Friedrich Max Müller (1823-1900), pai fundador da ciência da religião expressou a visão tradicional:

Na vida prática seria errado adotar uma posição neutra entre pontos de vista conflitantes examinados [...] nós devemos tomar uma posição. Mas como estudantes da ciência da religião, nos movemos em uma atmosfera elevada e mais serena. Estudamos o erro, como o fisiologista estuda uma doença, procurando por suas causas, rastreando sua influência, especulando sobre possíveis remédios [...] mas deixando a aplicação de tais remédios para uma diferente classe de homens, para o cirurgião e para o médico prático (Müller, 1880, p.7; Tworuschka, 2013, p.577).

Muito embora Tworuschka se expressa nas entrelinhas citando Max Müller tentando justificar que o cientista da religião tem um papel profilático e normativo na sociedade “consertando” erros. Entendemos que este fator enquanto cientistas da religião não nos cabe. Todavia, defendemos que o nosso papel enquanto portadores de um conhecimento “engajado” seria muito mais útil, se nos propusermos a aplicar este conhecimento na esfera pública em forma de intervenção. Consideraremos neste estudo, o papel “engajado” do cientista da religião se refere como difusor e organizador em uma das festas de maior relevância dentro do catolicismo popular, a festa de *Corpus Christi*.

A ciência da religião enquanto ciência empírica e secular, fomenta reproduzir saberes científicos, que por definição, implica manter uma certa distância do objeto, ainda que com um certo respeito, de qualquer intencionalidade êmica/confessional/teológica. Mateus Costa (2019, p.2-3) discorda desse tipo de pensamento, ao defender que, qualquer outra pessoa que acredite que, para aplicar de maneira prática os conhecimentos produzidos por nossa ciência, necessariamente teria que haver qualquer postura confessional. No entanto, mesmo que esse pesquisador não tenha qualquer vínculo institucional ou mesmo sendo um adepto de uma religião, este mesmo pesquisador respaldado com um compromisso sério de seu papel na sociedade, pode exercer seu papel dentro da chamada ciência da religião aplicada.

Ainda de acordo com Udo Tworuschka (2013, p.579) uma ciência da religião aplicada¹ está interessada em desenvolver normas, modelos, tarefas organizacionais para ação. Mas sem perder a sua identidade científica e sua predisposição. Embora, é necessário discordamos do pensamento normativo que a ciência da religião enquanto campo de conhecimento possa exercer no campo religioso defendido por este autor, é muito mais propenso e correto afirmarmos que o cientista da religião pode exercer seu papel de intermediador e “intérprete” entre o saber epistêmico e a aplicação/intervenção neste na esfera social.

Essa intervenção do cientista da religião pode ser traduzida em como o profissional, introduzido pelas religiões, participa das resoluções de problemas, comunica seus pensamentos para as pessoas que trabalham nesses campos práticos. Nesse sentido, seu papel é mais

1 No artigo “Ciência prática da religião: considerações metodológicas”, Tworuschka (2013) defende a ideia de uma ciência prática da religião equivocadamente como um saber acadêmico qualitativo. Neste ensaio entendemos que o termo ciência da religião aplicada seria mais correto para a compreensão da área de atuação do cientista da religião.

proeminente em desempenhar sua função educacional e eminente diálogo e, portanto, tem uma tarefa prática: educar estudantes que podem realizar o papel de intermediários e intérpretes da tradição religiosa, produzindo saberes e informações sobre as características religiosas à estrangeiros ou até mesmo curiosos a fim de promover uma melhor compreensão das culturas. Daremos o exemplo mais adiante, como o papel do cientista da religião pode ser importante nesse processo de condução dos saberes.

Nessa perspectiva, a ciência prática da religião ou ciência da religião aplicada, concentra-se em religiões concretas do passo e do próprio presente mostrando o seu carácter empírico, ou seja, o profissional se depara com a religião(ões) como uma entidade composta de diferentes dimensões: comunidades, ações, ensinamentos e experiência (por isso ela é chamada de uma aprendizagem social ativa e experiencial). E essa preocupação com os processos de comunicação não somente entre as ciências, mas como uma forma de desenvolver um estudo profilático entre os leigos, sejam eles desconhecidos ou adeptos da própria tradição religiosa. Nesse viés de pensamento, podemos traduzir que a ciência da religião aplicada proporciona assistência para o diálogo (em diferentes níveis) ao fornecer entre os participantes da festa popular de *Corpus Christi*, uma visão abrangente e livre de estereótipos.

Vejamos como se dá esse processo no próximo tópico deste estudo.

Disseminando saberes: os diálogos entre o cientista da religião e a festa de Corpus Christi

Para tal compreensão de como se deu a festa de *Corpus Christi* na atual conjuntura, é primordial que recorremos os elementos que se encaixam nessa tradição e, portanto, recorremos a noção de memória traçando como ponto de partida a própria trama da identidade individual e coletiva, a condição de memorial da religião, e consequente, a situação dos grupos identitários, em especial do catolicismo popular.

Para Halbwachs (2023), uma sociedade que esquece o seu passado é uma sociedade que perde a sua identidade. Nesse sentido, a memória individual não é construída fora da memória de um grupo, de uma memória coletiva. São as condições sociais e culturais do presente que comandam a mobilização – tanto individual quanto coletiva – da lembrança dos grupos religiosos.

Neste caso, como se constitui uma tradição religiosa? Desde as primeiras linhas do capítulo VI de *Quadros Sociais da Memória*², o foco é colocado sobre o trabalho de integração e unificação que cada religião realiza a partir de suas contribuições que lhe chegam de diferentes componentes da sociedade. “Podemos dizer de toda religião que, sob formas mais ou menos simbólicas, produz a história das migrações e fusos dos componentes na origem das sociedades que os praticavam” (Halbwachs, 2023 p.178). A dinâmica própria de uma tradição religiosa reside em sua capacidade de reorganizar sistematicamente, do ponto de vista dos jogos atuais da sociedade, dos ritos, das crenças que vêm do passado e continuam a viver, a exemplo disto a própria festa de *Corpus Christi*.

A escolha pela festa de *Corpus Christi* se deu por suas características singulares. Esta festa popular foi a primeira procissão vinda da Europa para o Brasil no período colonial, tendo aí uma dupla conotação. Era ordenada tanto pela igreja quanto pelo poder temporal – a metrópole lusitana – servindo tanto como uma festa de cunho espiritual como secular, e até os dias atuais é a única celebração católica onde o Santíssimo Sacramento³ sai do templo e é posto em praça pública.

De acordo com Santos (2005) os diferentes corpos sociais que “iam em procissão” adorar o Santíssimo Sacramento – para usar uma expressão mais recorrente dos documentos – suponham formar o Corpo de Deus e, por vezes, imprimiam marcas identitárias. Para Oliveira (2014, p.6) o caráter sacramental se impõe à igreja como marca devocional. A presença real e (tran)substancial de Cristo é o “cerne em torno do qual se constrói a sua autoconsciência de identidade”. A procissão realizada sob um tapete de grãos e de flores, assim como em imagens pintadas sobre os paralelepípedos, era uma das celebrações mais célebres e solenes do governo português e seus domínios; todavia, o Corpo de Deus ganhava conotações regionais e certos aspectos populares.

Para o cientista da religião, a importância da festa popular *Corpus Christi* se dá, não unicamente, mas principalmente, por ser uma celebração festiva com grande poder de sociabilidade e aglomeração, capaz de

2 Quadro Social da memória é uma estrutura social que fornece o contingente e a sustentação da memória ou quadros sociais da memória. Esses “quadros” pode ser interpretado da seguinte forma: as tradições religiosas presentes em uma determinada sociedade vai gerar contribuições culturais para a formação de uma religião futura.

3 Santíssimo Sacramento na linguagem êmica é a representação da hóstia consagrada para a igreja cristã. No período colonial brasileiro o nome da festa era chamado de o Corpo de Deus, tradução literal de *Corpus Christi* nos dias atuais.

romper com o cotidiano, reunir grupos que celebram e se identificam periodicamente. “É um prato cheio para o cientista da religião”.

Desde os tempos coloniais, na América portuguesa, a festa popular do *Corpus Christi* se caracteriza por ser uma liturgia religiosa em meio ao espaço urbano, de celebração coletiva – a tradicional forma que a igreja encontrou para expressar de forma artístico-religiosa seus domínios nas colônias, representada à época pela confecção de tapetes de grãos ou pinturas nos paralelepípedos das vilas – nessa conjuntura para ser mais enfático, este tipo de expressão ganha forma e admiração seja por quem os produzem, seja para quem participa e todos os envolvidos nesse tipo de sociabilidade os sacerdotes e os leigos⁴.

Para Oliveira (2014, p. 16-17) por ser uma celebração que se estende no espaço da rua, o *Corpus Christi* nos possibilita questionar a condição de “religião da urbe” durante a comemoração, propondo uma reflexão dinâmica sobre a interação de diversos atores sociais que compõe tal acontecimento. *Corpus Christi* é uma festa onde se mistura fé e ocupação dos espaços públicos sendo possível levar a questionamento as concepções acadêmicas que compreendem o sagrado distinto do profano⁵. Deve-se entender os elementos do sagrado e do profano que marcam o *Corpus Christi*, juntamente com todo o aparato performático com os diálogos a partir da utilização do espaço urbano.

Com base no repertório etnográfico de pesquisa, alinhamos o arcabouço teórico-metodológico⁶ próprio do cientista da religião com a visão de mundo dos próprios atores como uma percepção portadora de características particulares, e a atuação deste pesquisador como organizador desses aspectos dando um sentido, significado e ordenamento profânico a esses códigos e linguagens que são, para o êmico,

4 Sacerdote e leigos, é empregado aqui como tipos ideais em termos werberianos, no sentido entre aqueles que produzem os bens religiosos e aqueles que consomem esses próprios bens. Entretanto, para uma linguagem clara, traduzimos esses conceitos para o clero e os adeptos desta tradição religiosa respectivamente.

5 Os sistemas religiosos possuem uma espécie de a priori estrutural que fundam os tipos de organização religiosa, desde a informalidade carismática até a formalidade rígida e burocrática, dos grupos tradicionais de religião. O binômio sagrado-profano é entendido como dois campos, onde um é caracterizado pela sacralidade que é imposta pela própria tradição religiosa e o outro são os espaços públicos reservados aos leigos. Sobre este tema Cf.(Passos, 2006, p.2)

6 Para tais análises neste estudo foi percorrido um caminho através da História, da Sociologia e da Antropologia, me valendo dessas áreas do conhecimento para a aplicação/intervenção na comunidade.

interpretativos. Por isso, a escolha por iniciar do campo e de quem se compõe – os atores sociais.

Partindo dessa análise, a partir dessa perspectiva e a necessidade abordar o papel do cientista da religião na intervenção ocasionada pela procissão e a festa de *Corpus Christi*, é possível implicar o seu papel à qualificação e à configuração dada aos atores sociais, seja através de fomentação educacional aos agentes envolvidos, seja de informações à massa (visitantes, estrangeiros, leigos de uma forma geral) durante as festividades. Essas informações dizem respeito sobre a História da festa, sobre os atores, rituais, performances e deslocamentos. Dando a noção de arte, e dos significados do próprio tapete, da sociabilidade ocasionada por tal ação da festa, seja ela a partir da solenidade ritualística, seja através dos próprios atores.

Figura 1: Fiéis confeccionam os tradicionais tapetes.



Fonte: Tomaz Silva, Agência Brasil, 30 maio 2024.

Coletados os dados para este ensaio, elucidaremos como o papel do cientista da religião é importante nesse repertório da ciência da religião aplicada de forma proflática em festas de cunho popular e religiosa dando como exemplo a festa de *Corpus Christi* realizada tradicionalmente em Santa de Parnaíba, região metropolitana da cidade de São Paulo.

A escolha por Santa de Parnaíba –SP se dá pela proximidade em relação a Capital São Paulo, e por ter seu centro-histórico e patrimônio urbanístico de grande relevo para o município, o que atrai diversos

turistas e visitantes durante o feriado de celebração da festa de *Corpus Christi* na cidade.

A festa de Corpus Christi em Santa de Parnaíba-SP

Como ponto de partida, a nossa aplicação profissional deve começar a ser vista como um ramo constitutivo básico da ciência da religião. Acredito que por ser uma ciência secular, autônoma e teórica, há condições para considerar também a sua dimensão prática como ciência social aplicada, evitando excessos de abstrações teóricas e colocados de forma prática neste estudo.

Para Mateus Costa (2019, p. 186-187), aplicar a ciência da religião implica lidar com questões de normatividade, mas numa normatividade laica, pautada em decisões que tem como meta o próprio exercício da cidadania e promoção dos Direitos Humanos. Em resumo, o cientista da religião deve usar o seu conhecimento empírico sobre religiões sem enaltecer ou prejudicar os movimentos religiosos. Essa é uma premissa básica para qualquer estudioso das religiões.

Isto sugere que, os próprios profissionais da religião, uma vez que sigam a ética da profissional partindo da ideia de “desenvolver habilidades e competências significativas” dos estudantes, significa que, ao estudar religiões, cientistas da religião devem utilizar da sua ciência para fazer a comunidade pensar e raciocinar das mais diversas maneiras: interpretações, inferências, deduções, comparações, contextualizações, ordenações/organizações e etc (Costa, 2019, p. 193). É isso que faz o cientista da religião em uma celebração religiosa/pública tratados nesta pesquisa com a festa *Corpus Christi*.

Podemos dizer que a festa do *Corpus Christi*, é uma celebração católica que ocorre sempre numa quinta-feira quarenta dias após o domingo de Páscoa. Em São Paulo, a festa tradicional em Santa de Parnaíba, onde os fiéis confeccionam cerca de sessenta tapetes para a procissão se estendem por cerca de oitocentos e cinquenta metros de extensão. Esses tapetes são confeccionados por diversos materiais como: argila, grãos, casca de ovos, farinha de trigo, pipocas e pó de café. Essa confecção começa antes da quinta-feira.

Pelo que registramos, a tradicional festa de *Corpus Christi* na cidade de Santa de Parnaíba, SP, acontece desde 1961 nos moldes que conhecemos hoje. Porém, isso não implica que esta é a dada mercatória dessa festividade, haja em vista que essa festa católica era celebrada

desde os tempos coloniais e está presente no calendário fixo de cidades do interior.

Figura 2



Fonte: Fabiano Martins, Secom Santana de Parnaíba, maio 2024.

De acordo com o jornal *Folha de Alphaville* (2024), o evento é considerado uma das maiores manifestações religiosas no Estado de São Paulo. Em 2023, atraiu cerca de 50 mil pessoas entre moradores e turistas. “Que além da tradição religiosa, uma das principais atrações da festividade são famosos tapetes com mais de oitocentos metros que se estendem pelo centro-histórico e que são feitos de diferentes materiais”. A cidade de Santana de Parnaíba, é considerada uma cidade importante com traços e arquiteturas ainda característicos de um passado colonial, e que respira tradição e modernidade no mesmo espaço. Sendo, portanto, uma das cidades mais antigas do Brasil colonial, a cidade carrega esse elemento identitário com ricos casarões em sua arquitetura em seu centro-histórico atraindo diversas pessoas ao evento.

Seguindo o esquema do cientista da religião Mateus Costa (2019), o conhecimento científico produzido pelo próprio pesquisador originado por sua pesquisa acadêmica, especialmente pelos programas de Pós-graduação em ciência da religião, pode e deve ser utilizado como de forma adaptada, ao público escolar. Essa conjunção é o saber sábio diluído

ao saber ensinar. E essa seleção de conhecimentos adaptados da ciência da religião ao público escolar, mas não só, são elaborados por projetos pedagógicos realizados em conjunto com os docentes no “ensino religioso”. Eis aqui, o ponto-chave para a intervenção do cientista da religião segundo este modelo proposto. A transformação do saber sábio da ciência da religião em produtos e produtores de saber ensinar e, depois, em saber ensinado por cientistas da religião (Costa, 2019, p.191)

Uma vez conquistado o espaço de produção do saber ensinar, cientistas das religiões são, os próprios protagonistas da próxima fase do saber do processo seguinte: a transposição didática (saber ensinado). São os licenciados dessa área que de fato irão, juntamente com o cientista da religião, propor um projeto pedagógico levando em consideração as fases de construção do saber. No caso do meu objeto de investigação, a festa de *Corpus Christi* na cidade de Santana de Parnaíba, SP.

Coletados o público-alvo, geralmente estudantes do ensino fundamental e médio, nesse processo de transposição didática, os licenciados em ciência da religião vão selecionar os elementos que histórico-socialmente foram constituídos pela tradição religiosa e em forma de aplicação e resultado desse projeto, colocar em prática na esfera pública. Ou seja, os estudantes, os licenciados e o próprio cientista da religião colocam a “mão-na-massa” e concretizam aquilo que foi de material em suas pesquisas ativamente durante a celebração da festa popular.

A ciência da religião aplicada, visa ainda assim, a construção de um saber voltado para a formação cidadã dos estudantes, e da comunidade de modo geral. Essa consciência do ensino religioso escolar pautado na ciência da religião, feito pelo cientista da religião e conduzido pelos próprios licenciados, visa a munição do conhecimento sobre a religião(ões), torna-se o público-alvo mais consciente dos direitos e deveres, articulando com sua comunidade, dialogando de forma horizontal num ambiente intercultural. Lembrando que isso exige das licenciaturas da área a formação mais clara no sentido da ciência da religião aplicada.

De acordo com o site oficial da cidade de Santana de Parnaíba, no Estado de São Paulo. A festa popular atraiu no ano de 2024 cerca de 35 mil pessoas, consolidando um dos maiores eventos religiosos e culturais da região. A festividade, realizada na quinta-feira dia 30 de Maio, foi marcada por uma série de atividades que envolveu a comunidade e visitantes. O nosso fazer enquanto cientista da religião, foi não só elaborar um projeto que desse conta dessa transposição de conhecimento acadêmico

com os licenciados, como envolver nosso público-alvo para a condução e organização da festividade.

Desde as primeiras horas da manhã, os moradores e voluntários iniciaram a montagem do famoso tapete de serragem colorida que enfeita as ruas do Centro Histórico da cidade. Com criatividade e devoção, o tapete foi confeccionado com imagens religiosas e símbolos cristãos, transformando as ruas em uma verdadeira obra de arte a céu aberto. A programação religiosa começou com uma missa solene celebrada na Igreja Matriz, que contou com a presença de autoridades locais e dezenas de fiéis. O momento de fé e reflexão estendeu-se ao longo do dia com diversas celebrações e após a última missa ministrada pelo Bispo Emérito Dom Vicente Costa houve a tradicional procissão de *Corpus Christi*, onde a Eucaristia foi levada pelas ruas decoradas, acompanhada por cânticos e orações. Além de seu significado religioso, a celebração de *Corpus Christi* também tem um grande impacto cultural e turístico na cidade.

Conclusões

Constituindo um marco que leva a construção dos saberes, a ciência da religião aplicada/prática familiariza expectadores de um lado, o próprio cientista da religião e do outro os atores sociais envolvidos nesse projeto de construção que toma como ponto de partida a transposição do conhecimento científico constituído academicamente (aquela que contribui para a construção dos saberes) cujo objetivo final é o profissional.

A ciência da religião como campo epistemológico de saberes e de investigação do objeto religião, busca uma posição indiferente (no sentido de afastamento) do objeto para melhor observá-lo e, é isto, o próprio paradigma do profissional da religião, assumindo um compromisso ideal diante do objeto estudado. No caso da festa popular de *Corpus Christi*, foi necessário um agnosticismo metodológico para filtrar os elementos importantes para a construção desse conhecimento: a memória em volta da festividade, a interpretação histórico-social do seu desenvolvimento desde o período colonial, o estudo dos símbolos e da arte, os discursos religiosos de manutenção do campo religioso, o envolvimento da comunidade e etc.

Sendo assim, foi considerado esta postura em relação ao objeto estudado para depois, pensar na disciplina ciência da religião aplicada para além dos muros acadêmicos. Como bem afirmou Costa (2019, p.95),

“a ciência da religião aplicada, se insere no contexto de uma educação superior voltada a utilidade pública, e tem como função ajudar o estado a lidar com questões religiosas”. No caso da nossa pesquisa para a construção deste estudo, como os saberes desenvolvidos na academia influenciaram/influenciam através de uma transposição didática a construir os saberes com o objetivo de reforçar toda uma estrutura de conhecimento aplicado ao grande público.

Nesse sentido, os resultados coletados nesta pesquisa, se inserem na necessidade de encorajar e estabelecer objetivos sociais específicos, que atendam as demandas da sociedade. A ciência da religião aplicada potencializa e reafirma o próprio *status* da ciência da religião em sua dimensão integral com a ciência, e o nosso papel como pesquisador é alcançado na medida em que aquilo que produzimos academicamente é recompensado com aquilo que nos propomos a realizar, organizar, e estabelecer não como normatividade, mas como uma interlocução de saberes.

Nesse processo educacional, onde a intervenção do pesquisador em ciência da religião interfere diretamente no conhecimento não confessional, mas reproduzidos a partir de conhecimentos gerados pelo cientista, é perceber esse conhecimento entendido neste estudo como o “saber sábio”, é relacional no processo de ensino e aprendizagem e aqui, temos uma relação de tipo ternária, que inclui o pesquisador, o docente, o discente e a comunidade participante da festa popular católica. Compreendemos que esse “ensino religioso” aplicado pelos licenciados e com a ajuda do pesquisador é uma forma de ciência da religião aplicada.

Para finalizar a minha conclusão, a implementação de uma ciência da religião aplicada à intervenção da festa de *Corpus Christi* na cidade de Santa de Parnaíba, é entender que esse conhecimento originado pelo referencial central bastante reformado, já em um primeiro processo em um “conhecimento a ser ensinado”. No caso do perfil da cidade objeto de estudo para essa análise, é raramente produzido por cientistas da religião (daí onde é pertinente a nossa atuação enquanto pesquisadores) e percebemos isso como um entrave. Apenas para ilustração, durante a minha pesquisa não foi encontrado nenhuma relação de livros didáticos de ensino religioso escolar referenciado um cientista da religião ou uma produção da própria ciência da religião, tornando mais uma vez a nossa intervenção relevante.

E para concluir, é fundamental que o cientista da religião capacite novos licenciados nesse sentido. Ou seja, fornecer subsídios próprios

da área da ciência da religião sejam aplicados em forma de projetos de extensão acadêmica, sejam em minicursos ofertados pelos próprios cientistas da religião.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. Uma interpretação da teoria de Max Weber. In: BOURDIEU, P. Economia das trocas simbólicas. 2ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1982, pp.79-98

COSTA, Matheus Oliva da. Ciência da religião aplicada como o terceiro ramo da religionswissenschaft: História, análises e proposta de atuação profissional. 253 f. Tese (Doutorado em ciência da religião). Faculdade de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 2019.

HALBWACHS, Maurice. Os Quadros Sociais da Memória. – Tradução Antônio Fontoura. Curitiba: Antoniofontoura, 2023. p.78

OLIVEIRA, Elza A. Igreja e rua, dois espaços e mesma fé: sacralização do espaço na festa de Corpus Christi. 125 f, Dissertação (Mestrado em ciência da religião). Instituto de Ciências Humanas. Juiz de Fora, MG: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

PASSOS, J. D. Como a religião se organiza: tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006

PEREZ, Lea Freitas. Festa, Religião e Cidade: corpo e alma do Brasil. Rio de Janeiro: Travessa, 2011.

SANTOS, Beatriz Catão C. Introdução. In: SANTOS, Beatriz Catão C. O Corpo de Deus na América: a festa de Corpus Christi nas cidades da América portuguesa do século XVIII. São Paulo: Annablume, 2005.

STERN, Fábio L; COSTA, Matheus Oliva da (Orgs.), Ciência da religião aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional. Porto Alegre: Fi, 2018.

TWORUSCHKA, Udo. Ciência prática da religião: considerações teóricas e metodológicas. In: USARSK, Frank. PASSOS, J.D (Orgs). Compendio da ciência da religião. 1ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2013, pp.577-588

Web Sites e endereços eletrônicos :

Secom/ Santana de Parnaíba. Prefeitura de Santana de Parnaíba, 27 de Maio de 2024. Disponível em https://www.santanadeparnaiba.sp.gov.br/noticias_13/materias/2024/27_5_corpus_christi.html

Reporter da Agência do Brasil. Festa religiosa de Corpus Christi reúne fiéis em várias cidades. Agência Brasil, 30 de Maio de 2024. Disponível em : <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/tradicao-religiosa-de-celebrar-corpus-christi-reune-fieis-no-brasil> acesso em 29/08/2024

Redação do Jornal. Santana de Parnaíba já se prepara para sua tradicional celebração de Corpus Christi – Folha de Alphaville, 17 de Maio de 2024. Disponível em: <https://www.folhadealphaville.com.br/cidades/santana-de-parnaiba-ja-se-prepara-para-sua-tradicional-celebracao-de-corpus-christi#:~:text=No%20dia%2030%20de%20maio,pessoas%20entre%20moradores%20e%20turistas> acesso em 29/08/2024

MST e a teologia da libertação: diálogos entre ecossocialismo, ambientalismo e as ciências da religião

Marcos Scarpioni

Doutorando em Ciência da Religião (UFJF)

Mestre em Ciências da Religião (UMESP)

Introdução

O movimento ambientalista emerge em meio as crises socioambientais no início da década de 1960¹, tendo como ponto referencial de partida as constatações efetivadas por Rachel Carlson em sua obra *Primavera Silenciosa*. Nesta, Carlson denunciara os impactos ambientais negativos advindos de processos produtivos químicos que contaminava e poluía ar, água e solo, consecutivamente causando danos aos seres vivos (flora/fauna) e humanos, ainda que (in)diretamente.

Paralelamente as constatações e alertas de Carlson, os movimentos sociais e religiosos como é o caso do MST e a teologia da libertação (Menezes Neto, 2012) respectivamente estariam em contínuo desenvolvimento, esta última tanto nos países europeus, quanto nos países da América Latina, em especial, podemos destacar o Brasil.

Curiosamente, nesse contexto de desenvolvimento pós ECO-92, teria emergido, o conceito, uma ideologia, utopia difusa como “ecossocialismo” (Calzadilla, 2009; Mello, 2010; Löwy, 2014; Saito, 2021) que busca estabelecer diálogos com os movimentos sociais e religiosos, e quiçá, e no campo religioso, surgiria a ecoteologia, torna-se objeto de novos estudos a partir das ciências da religião, a qual de maneira pragmática pode sim observar, registrar, discutir tais fenômenos socioambientais.

Neste breve ensaio pretendemos observar atentamente o que se define, conceitua-se delimita e aprofunda a compreensão do ecossocialismo, de suas bases filosóficas, reflexivas e como este estaria (ou não) ampliando sua difusão e influência em nossa sociedade contemporânea.

¹ Não faremos aqui digressões mais extensas, mas serviremos das informações referencias por aqueles(as) que estudam o meio ambiente pelas ciências ambientais, aceitando que o marco para se estudar o meio ambiente é com a obra de R. Carlson.

Além disso, como este dialogaria com o ambientalismo e, conseqüentemente, demonstraria seu grau de relevância para reduzir, mitigar os impactos socioambientais frente às inúmeras ações antropogênicas que têm, de uma forma ou de outra, gerado processos deletérios de recursos naturais e ambientais² com perdas irreversíveis em muitos casos. E por fim como teologia absorveria este novo conceito, o que pode ser analisado como um novo fenômeno socioambiental a ser compreendido pelas ciências da religião por suas diversas frentes de atuação como é o caso da sociologia da religião, história da religião, fenomenologia da religião e outros (Cavallin, 2021).

Por isso, passamos a discorrer sobre o ecossocialismo em três seções: a) Definição e conceituação do ecossocialismo; b) Objetivos, mecanismos de implantação; c) Os movimentos sociais e religiosos que podem contribuir para sua implementação nos países da América Latina.

Ecossocialismo: definir, conceituar, compreender

Etimologicamente o termo ecossocialismo é a junção de outros dois termos “eco” que se deriva do grego *oikos* que significa casa, lar, lugar em que se habita, meio ou ambiente, e socialismo que vem do latim *sociare*, que significa combinar ou compartilhar, mas também podendo ser, grosso modo, definido como um movimento filosófico, político, social e econômico que de forma abrangente busca influenciar sistemas social e econômico por meio de produção, gerada pelas propriedades de cunho social.

Portanto, ecossocialismo seria um termo e conceito ao mesmo tempo polissêmico, em cada uma das áreas de conhecimento que desse se utiliza, por ex: sociologia, geografia, política, etc. E também, se tornar um conceito socioambiental a ser estudado tanto nas ciências ambientais, quanto pelas ciências da religião na medida em que as teologias e discursos religiosos tem absorvido tais conceitos para os cuidados com o meio ambiente, sendo esta, uma preocupação emergente. Afinal, a ciência da religião não é um campo tão recente assim que já não possa oferecer contribuições concretas a respeito de seu objeto para a apreciação de outras ciências (Stern; Costa, 2021).

² Cabe ressaltar que recursos naturais e ambientais são coisas distintas, pois o segundo está diretamente relacionado aos serviços ecossistêmicos, enquanto o outro diz respeito aos recursos biológicos, físicos e químicos.

De acordo com a revista canadense *New Socialist* (2007):

a ideia de um manifesto ecossocialista teria sido lançada conjuntamente por Joel Kovel e Michael Lowy em um Workshop de setembro de 2001 sobre ecologia e socialismo realizado em Vincennes, perto de Paris, todavia, já existiam intentos reflexões sobre um socialismo que se havia sido em parte suplantado (*New Socialist*, 2007).

E mais, este movimento seria não só uma negação dos socialismos anteriores praticados em determinadas nações, “mas a realização, dos socialismos da ‘primeira época’ do século XX, em contexto da crise ecológica. [...] [Este] baseia-se na percepção de que o capital é objetivo além do trabalho, e fundamenta se no livre desenvolvimento de todos os produtores, ou usar outra maneira de dizer isso, uma anulação da separação dos produtores dos meios de produção” (*New Socialist*, 2007).

Dessa forma, o ecossocialismo mantém os objetivos emancipatórios do socialismo da primeira época e rejeita tanto a abordagem atenuada e reformista, objetivos da social-democracia e das estruturas produtivistas das variações burocráticas do socialismo praticado em países do leste europeu.

Logo é um movimento sociopolítico, ideológico, que intenta se contrapor ao capitalismo, o qual produz vítimas sociais desumanizando e reificando o ser humano, promovendo a dominação e subordinação da natureza e a concentra uma riqueza em uma pequena elite, mas socializando prejuízos nas massas, essencialmente trabalhadora, dessa forma acirrando o processo de interação de forças e tensões entre classes. Por isso, segundo Kovel (2022) o ecossocialismo encontraria suas bases na Ecologia Profunda e na Ecologia Social.

Para Melo (2010) Ecologia e Socialismo se caracterizam por uma base de novas utopias, contudo, para o autor o ecossocialismo seria uma saída e ruptura com o capitalismo, afinal, para Pepper (1993) o capitalismo continua a degradar os ecossistemas e criar a injustiça social. Logo os socialistas (ativistas do socialismo) ao perceberem os movimentos ambientalistas que se espalharam nas décadas de 1960-1970, procuram se aproximar e se imiscuir nestes visando ampliar a ideologia socialista em uma nova abordagem, resignificando assim o próprio movimento ambientalista.

Cabe ressaltar que neste período, a teologia da libertação estava em seu processo de elaboração não ficando as margens de observar as discussões ambientalistas, nem mesmo de reconhecer, ainda que de maneira muito superficial, a problemática ambiental para além dos pobres.

Ainda neste contexto, no Brasil, as ciências da religião, acompanhava esse movimento teológico que estava sendo aportado no país (Cavallin, 2021), por meio das interações de igrejas católicas, protestantes e homem do campo.

Todavia, cabe ressaltar que ambientalismo e ecossocialismo são conceitos muito distintos, pois o primeiro visa equalizar o tripé (ambiental, social e econômico) sem destituir o capitalismo, mas encontrar mecanismos de desenvolvimento de uma maneira sustentável, equitativa, equilibrada na qual se exista justiça socioambiental. Já o segundo, recebe o destaque especial em substituir o capitalismo com a reformulação dos processos de produção e consumo de bens, serviços com uma administração direta não regulamentada pelo Estado, mas pelas massas de trabalhadores.

Contudo, Kohei Saito (2017) traz em sua obra que o pensamento ecológico é fruto das reflexões marxistas, e não de um movimento ambientalista, e que toda análise ecológica de Marx apenas sem as reflexões, críticas sobre os meios de produção, interação e tensões entre classes (burguesas/proletariado) teriam sido fatalmente falham, afinal, no século XIX as discussões sobre o problema ecológico eram de pouca importância. Mas, o autor irá discorrer sobre o pensamento materialista-dialético que Marx desenvolvera e a crítica ecológica Marxista sobre o capitalismo. Para Saito (2021):

a ecologia Marx não constitui apenas um elemento imanente para a sua economia sistêmica e pela sua visão emancipatória do socialismo, também nos fornece com uma das estruturas metodológicas mais úteis para investigar as crises ecológicas como a contradição central da situação histórica atual sistema de produção e reprodução social. A “herança preciosa” de A teoria de Marx só pode ser apreciada completamente com a sua ecologia (Saito, 2021).

Portanto, Marx irá desenvolver seu pensamento sobre a economia política sob um conceito oriundo das Ciências Naturais (Biologia, Química e Física) – o metabolismo. Conforme Saito (2017):

O conceito de metabolismo permitiu-lhe não só compreender as condições naturais universais trans-históricas da produção humana, mas também investigar a sua radicalidade. Transformações históricas sob o desenvolvimento do sistema moderno da produção e o crescimento das forças produtivas. Em outras palavras, Marx examinou como as dinâmicas historicamente específicas da produção capitalista, mediadas por categorias econômicas reificadas, constituem formas de práxis social humana em relação à natureza - nomeadamente o aproveitamento de natureza às necessidades de acumulação máxima de capital – e como várias desarmonias e discrepâncias na natureza devem emergir disso

deformação capitalista do metabolismo universal da natureza (Saito, 2017, p.15).

Dessa forma, é possível compreender o ecossocialismo como um resgate do Marxismo que prima por um socialismo, sem descartar as bases filosóficas das Ciências Naturais que estruturaram a compreensão das interações inter e intra-específicas dos seres com o meio ambiente.

Portanto, os objetivos deste movimento se traduzem no fortalecimento do “ativismo de hoje e para aqueles que desejam substituir o capitalismo global por um socialismo genuinamente democrático”³. Logo como definições para os termos e interpretações do ecossocialismo, este pode ser considerado como elencamos: a) Utopia (Melo, 2010; Viana *apud* Rodrigues; Silva, 2023); b) ideologia e corrente de pensamento (Pipper, 1993; Kovel, 2019); c) Movimento socioecológico (Melo, 2010; Rodrigues; Silva, 2023); d) Campo de pensamento e de alternativas sistêmicas e guia para a ação (Leite *apud* Rodrigues, 2023); e) Um sistema político e governamental (Pipper, 1993); f) Oposição ao capitalismo com frente de destituí-lo e busca de alternativa sua substituição (Cazaldilla, 2009; Löwy, 2015); g) Libertação do proletariado e eliminação das classes, tornando assim uma sociedade emancipada e democrática (Meneses Neto, 2012); h) Tomada dos meios de produção privado, tornando-os públicos (Löwy, 2014); i) Gestão dos meios produção e distribuição de bens e serviços pela administração pública equitativa e descentralizada (Fernandes *apud* Rodrigues; SILVA, 2023); j). Implantação de novas formas de produção e consumo de bens.

O movimento ambientalista pós ECO-92 e o vislumbre de implantar o ecossocialismo no Brasil

O modo de produção implica relações “capitalistas” com a natureza e com cada um outro – relações de produção capitalistas, às quais correspondem arranjos políticos e legais e “formas específicas de consciência social”. Um modo de produção [...] socialista pode implicar diferentes relações com natureza ou entre pessoas, inclusive por meio de narrativas e discursos teológicos

Isto implica imediatamente que se quisermos mudar relações sociais e sociedade-natureza, devemos buscar tais mudanças não apenas

³ New Socialist, uma revista canadense que promove articulação de ativistas para a implementação do ecossocialismo no Canadá.

nas mentes das pessoas – seus *insights* ou filosofias, ou seja, suas “formas de consciência” – mas também na sua vida material, econômica. Isto é para dizer que por mais que as ideias atuem e moldem o mundo material que criamos, elas devem em primeiro lugar, ser produzido dentro dele, e deve, em algum sentido geral, ser compatível com ele [...]. Logo é preciso mudar mentes e ganhar corações.

O que é “bom senso”, segue-se, não é comum a todas as culturas, mas varia de acordo com diferentes visões de mundo, correspondendo a modos de produção específicos em períodos históricos específicos (Pepper, 1993). Neste contexto, emerge com força uma intenção de implantar o ecossocialismo em nossas sociedades. Em 2007 foi inaugurada a Rede Internacional do Ecossocialismo (EIN) (Kovel, 2019).

Desta forma existiria uma tentativa de superar a visão de André Gorz que afirmara que o socialismo estaria morto (Saito, 2021). Para Saito, essa interpretação é prematura, distorcida, e esta segunda fase do socialismo imerso no ambientalismo, seria a forma da sociedade refletir sobre os impactos nefastos de um capitalismo sobre os recursos ambientais, sobre as relações de produção e consumo que Marx descrevera em o *Capital*. Ainda, para o autor, seria necessário repensar que Marx cunha sua teoria sob uma ecologia do espaço produtivo (Saito, 2017; Saito 2021).

Os movimentos sociais e religiosos e suas interações com o ecossocialismo

Como discurremos em seções anteriores o ecossocialismo busca implantar novas formas de produção e de consumo rompendo com o sistema econômico capitalista, e dessa forma, promovendo em tese, a justiça socioambiental para as sociedades que deste movimento emergirão.

Todavia, existiria pensamentos contrários como descreve Bragança (2014) quanto a essas intencionalidades, objetividades, pois o ambientalismo não passaria de um cavalo de troia que cuidadosamente acondicionaria o seu real conteúdo e interesses, o socialismo, o comunismo. Para o autor, de fato seu objetivo de imediato seria aniquilar as propriedades rurais e prejudicar a produção agrária, e quanto as relações com outros movimentos religiosos como seria o caso da teologia da libertação, que desacreditada, guarda em seu bojo a utopia socialista que um dia foi acolhida pela esquerda católica, visa romper com um catolicismo conservador que prima pela Tradição, Família e Propriedade.

Nota-se aí já uma relação de descrédito quanto aos movimentos ambientalista, socialista e teológico, quando se trata de cuidados com o meio ambiente, afinal, no novo século emergem pensamentos contrários quanto à conservação e preservação ambiental. Afinal, temos uma sociedade que atualmente põe em xeque as ciências de uma forma em geral, em um negacionismo, um discurso conservador da extrema direita.

Por isso, nem mesmo os movimentos religiosos, saem incólumes as críticas diante de um proselitismo político de segmentos protestantes, pentecostais e neopentecostais que tem atuado em suas bancadas e frentes parlamentares atuando em uma agenda própria que se alinha a agenda bolsonarista do governo anterior. Tais fenômenos sociais, religiosos, ambientais podem e precisam ser perscrutados pelas ciências da religião como já afirmamos anteriormente. Afinal, esta última pode fornecer suporte para a manutenção do Estado laico fundado na vontade e na razão humanas, e não em cosmovisões religiosas (Cavallin, 2021).

Todavia, observamos a presença de um catolicismo progressista que continua acompanhando os movimentos sociais, como é o caso do MST, não mais por uma teologia da libertação evocada e difusa por meio das Comunidades Eclesiais de Base e lideranças religiosas como Casaldáliga, Dom Helder Câmara, Paulo Evaristo Arns, entre outros, mas pela presença marcada por uma pastoral da terra que continua arraigada (in)diretamente ao movimento social em seus atos e manifestações (Menezes Neto, 2012). Pois na expressão de Boff *apud* Alcântara (2024) não se pode neste processo de ambientalismo e ecossocialismo almejar pelo MST, prescindir de uma espiritualidade.

A espiritualidade natural nos remete diretamente à ética, no sentido clássico dos gregos: a Casa (*ethos*) bem cuidada, agora a Casa Comum, a Terra. O “*ethos*” busca o bem viver. A “*ética*”, as formas e maneiras de concretizar o bem viver, pelas virtudes do amor, da justiça, da justa medida, da beleza e demais virtudes consoantes, o sentir das várias culturas. Desde a mais tenra idade e no processo educacional deve-se desventrar a espiritualidade natural que sempre vem acolitada pela ética do bem viver (Boff *apud* Alcântara, 2024).

Neste contexto da presença da religião por meio dos segmentos religiosos presente no MST, é possível observarmos que não seria mais só o catolicismo progressista, mas outros segmentos progressistas dos evangélicos, como demonstra o 1º Seminário com evangélicos/as de territórios de reforma agrária no Pará (MST, 2022), e ainda, na participação e inserção de segmentos de religiões de matriz africanas experienciando assim um ecumenismo nos espaços e movimentos agrários (MST, 2022).

Considerações finais

Atualmente, as questões socioambientais estão ou deveriam estar na pauta do dia de qualquer segmento social. Pois observa-se que os movimentos sociais tem relevância na atuação de cuidados com o meio ambiente.

Mas, também ser uma questão premente dos movimentos religiosos – teológico como é o caso da teologia da libertação – pois existiria uma ecoteologia sendo desenvolvida de maneira muito tímida, e ainda, nos diversos movimentos religiosos evangélico e/ou de matrizes africanas, movimentos que tem permeado o MST, e como já dito é reconhecido como um dos movimentos mais atuantes sobre as questões socioambientais que estão inseridas na reforma agrária.

Também, seria o movimento de maior expressão de aglutinação de lideranças com pensamento sobre o socialismo permeado por um ambientalismo e vice-versa. Afinal, este movimento por meio da agroecologia, de suas estruturas de produção e de distribuição de alimentos, gerenciamento de cooperativa e de educação campesina, quiçá geraria potencialmente uma nova forma de reverter, mitigar impactos ambientais e sociais negativos, gerando esperanças de garantir um planeta com recursos para as gerações presente e futuras.

É preciso ressaltar que existe sim uma tentativa de implementação de um ecossocialismo ainda que internamente nos assentamentos agrários, contudo, a sociedade de uma forma geral, está a margem destas atuações. Logo são necessários maiores esforços e engajamento de outros segmentos da sociedade civil para compreender tal proposição e implementação de fato do que é o ecossocialismo.

Cabe então, as ciências da religião observar tais fenômenos socioambiental, sociorreligioso para compreendermos em que medida, tais movimentos com suas ações podem trazer melhorias sociais e com pesquisas futuras nessa grande área de conhecimento, possam trazer esclarecimentos, lançando luz sobre um conjunto de inquietações sobre a religião, meio ambiente, políticas, economia para contribuir na promoção de justiça social e ambiental de maneira equitativa para todos.

Referências

ALCÂNTARA, Fernanda. A espiritualidade natural, a ética, o cuidado: como evitar o fim do mundo. Disponível em: <https://mst.org>.

br/2024/03/19/a-espiritualidade-natural-a-etica-o-cuidado-como-
evitar-o-fim-do-mundo/. Acesso em: 22 mai. 2024.

BRAGANÇA, Dom Bertrand de Orleans. *Psicose Ambiental: Os bastidores do ecoterrorismo para implantar uma “religião” ecológica, igualitária e anticristã*. 4 ed. São Paulo: Instituto Plínio Correa de Oliveira, 2014.

CALZADILLA, Juan Carlos Mas. *Ecosocialismo para un mejor Orden Mundial*. Panama. EUPAM, 2009.

CAVALLIN, P. C. *Ciência da religião aplicada: quatro tipos ideais*. REVER. São Paulo, v. 21, n. 1, P. 171-189, mai./ 2021.

KOVEL, Joel. *The Emergence of Ecosocialism*. New York: 2 lefpress, 2019
Collected Essays.

LÖWY, Michael. *O que é ecossocialismo*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.
Coleção questões de nossa época. v. 54.

LÖWY, Michael. *Ecosocialism: A Radical Alternative to Capitalist
Catastrophe*. Chicago: Haymarketbooks, 2015.

MELO, João Alfredo Telles. *Direito Ambiental, Luta Social e o
ecossocialismo*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

MENESES NETO, Antônio Júlio. *A ética da teologia da libertação e o
espírito do socialismo no MST*. Belo Horizonte, UFMG, 2012.

MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA [MST]. MST
realiza 1º Seminário com evangélicos/as de territórios de reforma
agrária no PA (2022). Disponível em: [https://mst.org.br/2022/12/14/
mst-realiza-1o-seminario-com-evangelicos-as-de-territorios-de-
reforma-agraria-no-pa/](https://mst.org.br/2022/12/14/mst-realiza-1o-seminario-com-evangelicos-as-de-territorios-de-reforma-agraria-no-pa/). Acesso em: 11 mai. 2024.

MOVIMENTOS DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA [MST].
Encontro reúne Religiosos Ecumênicos e MST em São Paulo. [https://
mst.org.br/2022/07/04/encontro-reune-religiosos-ecumenicos-e-mst-
em-sao-paulo/](https://mst.org.br/2022/07/04/encontro-reune-religiosos-ecumenicos-e-mst-em-sao-paulo/). Acesso em: 13 mai. 2024.

NEW SOCIALIST. *Union rights in Canada, Indigenous Politics and
Socialist history*

Palestine. Disponível em: www.newsocialist.org. Acesso em 11 mai.
2024.

PEPPER, David. *Eco – Socialism: From deep ecology to social justice*.
London: Routledge, 1993.

SCARPIONI, M. MST e a teologia da libertação: diálogos entre ecossocialismo, ambientalismo e as ciências da religião. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, 7., 2024, São Paulo. *Anais eletrônicos...*

RODRIGUES, Arlindo; SILVA, Suelma Ribeiro (Orgs.). *ecossocialismo brasileiro: avanços e desafios*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2023. [livro eletrônico].

SAITO, Kohei. *Karl Marx's Ecosocialism. Capitalism, Nature, and the Unfinished Critique of Political Economy*. New York: Monthly Review Press, 2017.

SAITO, Kohei. *O ecossocialismo de Karl Marx: Capitalismo, Natureza e a Crítica Inacabada à Economia Política*. 1ed. [Trad. Pedro Davoglio; Pref. Sabrina Fernandes]. São Paulo: Boitempo, 2021.

STERN, F.; COSTA, M. O (Orgs.). *Ciência da Religião Aplicada: ensaios pela autonomia e aplicação profissional*. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. [recurso eletrônico].

Vestês litúrgicas, moda e identidade: significados e expressões das vestês nas celebrações litúrgicas

Vera Maria Galvan

Mestranda em Ciência da Religião (PUC-SP)

Introdução

A vida do ser humano é marcada por experiências e vivências religiosas diversas. O acreditar em um Ser Superior que pode o impossível e que escuta as súplicas e clamores das pessoas, faz a vida acontecer. Vida essa marcada pela rotina de trabalho, descanso, lazer e dentro dessa rotina a prática da religião acontece por meio de pequenos gestos, visitas diárias a espaços como capelas ou oratórios e as celebrações maiores dos ritos em si de acordo com cada crença. Na igreja católica, nas celebrações eucarísticas como momento primordial, também os ritos e rituais de sacramentos, celebração da palavra dentre outros momentos de oração possíveis para expressar a fé de maneira concreta e externa. Para tais celebrações se usam vestês diferenciadas e que dentro dos costumes e tradição da Igreja significam um ministério ordenado, instituído ou um serviço. A inquietação própria do ser humano desperta o desejo de conhecer e compreender cada rito, sua essência e seus símbolos por detrás das vestês litúrgicas, o que elas significam e que mensagem passam pelo seu formato e estilo.

O presente texto apresenta uma breve introdução histórica sobre o surgimento das roupas, algumas fundamentações teóricas sobre as vestês litúrgicas ao longo da história e nos documentos da Igreja Católica e por fim um breve relato da experiência empírica da autora como alguém que trabalha com vestês litúrgicas no cotidiano como missão da Congregação a qual pertence, mas também como forma de subsistência.

Um pouco de história

A tradição da Igreja católica é bimilenar, por isso teve suas mudanças ao longo da história, seja na doutrina, no desenvolvimento e execução dos ritos nas celebrações, na compreensão de mundo e de sociedade

e nas vestes que acompanham o desenvolvimento da humanidade. Por isso as perguntas: Qual é a contribuição da roupa para a religião? Qual a sua relação com a história. O que a roupa significa e diz para as pessoas e sobre as pessoas religiosas, (fiéis e líderes)? Corpo coberto e corpo nu, o que diz a nudez? Por que é preciso cobrir? A estética, a aparência diz algo sobre o que se pensa, se acredita e se vive?

Braga (2004) retoma dois versículos bíblicos para iniciar a reflexão sobre a sequência evolutiva da vestimenta do homem.

Então abriram-se os olhos dos dois e perceberam que estavam nus; entrelaçaram folhas de figueira e se cingiram (Gn 3,7)

lahweh Deus fez para o homem e sua mulher túnicas de pele, e os vestiu (Gn 3,21)

Braga (2004) escreve que foi exatamente essa a sequência evolutiva das vestes, primeiro as folhas vegetais, posteriormente, as peles de animais, e não mais na descrição bíblica, surgiram as fibras naturais e sintéticas. Inicialmente, segundo a Bíblia, se cobriu o corpo por uma questão de pudor. Porém as interpretações seculares optam por afirmar que cobrir o corpo teve um caráter de adorno e proteção. De toda forma, cobrir o corpo foi uma necessidade.

As folhas e peles de animais por serem biológicas se decompunham rapidamente, e sem a escrita a forma como as informações passaram pelo tempo foi por meio da arte, das pinturas deixadas em rochas e cavernas. As peles normalmente usadas eram de rena e urso, precisavam ser mastigadas ou passadas em óleo de animais para dar durabilidade e possibilidade de uso humano.

Com a fixação do homem em locais por mais tempo, foi possível o cultivo de fibras como linho e algodão que posteriormente foram usadas para a fabricação dos tecidos, ainda que com técnicas primitivas, rudimentares e artesanais. As fibras vegetais deram a possibilidade de maior movimento e ornamentação às peças. Braga (2004) enfatiza que tudo isso aconteceu na Idade do Bronze (3300 a.C. – 1200 a.C.).

No percurso histórico, idade moderna, renascimento e barroco, como estilos de vida e de arte surgem na sociedade. No que diz respeito às roupas, a indústria têxtil teve um grande avanço, tecidos de diversas fibras, brocados, veludos, cetins, sedas foram se tornando familiares e acessíveis às diversas classes sociais. As cidades italianas foram as principais criadoras e exportadoras desse novo jeito de pensar e usar as roupas, segundo Braga (2004). A essa altura da história o caráter de pudor e proteção vão perdendo lugar para o caráter de adorno e marcação de

classe social e de posses. As roupas marcam o corpo, definem a silhueta, aumentam e diminuem de volume e comprimento.

Segundo Lesage (1960) a história dos trajes, as 'modas' de cada século e as tradições de cada país mostram com evidência que o vestuário não está em ligação apenas com a decência, as comodidades, o bem-estar e a higiene. Ele parece ser mais determinado pelo desejo de adotar um comportamento exterior de acordo com as ambições ou as virtudes da alma. Por nossas vestes procuramos tornar-nos o que não somos naturalmente. Conforme Lesage (1960, p. 79 APUD Perrot, 1960, p. 192-197).

O ideal estético que triunfa é o de uma vida feita de prazeres, de novas sensações, mas simultaneamente temos de dar prova de excelência, de eficiência, de prudência. Uma vida somente de prazeres não é a realidade da humanidade como um todo, é sim a realidade de uma parcela que em detrimento de outros vive de regalias. Mas a cobrança por resultados, sejam eles de produção ou de imagem, aparecem. A sociedade anseia viver de aparências em detrimento da essência. De consumo e consumismo desenfreado ao invés de adquirir e usar o que de fato é essencial e necessário (Lipovetsky, 2015, p. 33)

Pode-se dizer que o necessário e essencial é diferente para cada pessoa. Sim, é diferente, mas não tão diferente assim que custe a vida de outras pessoas ou do próprio meio ambiente. A inconsequência e a frivolidade de viver são comprometidas pela miséria social e pela sorte trágica dos que ficam à margem. Salta aos olhos que a vida numa sociedade estética não corresponde às imagens de felicidade e de beleza que ela difunde em abundância no cotidiano, diz Lipovetsky (2015, p. 33).

A descrição dos dois autores a seguir sobre moda e identidade diz muito sobre o pensamento que eu defendo quanto a evolução, a mudança, a construção do pensamento e dos costumes de vida de acordo com o tempo e por isso que as vestes litúrgicas não precisam ser as mesmas da idade média, de uma cultura que não é brasileira. Acredito no ideal da religião e na materialidade que acompanha as pessoas no tempo.

Hall (2006, p. 13) argumenta que as identidades culturais estão constantemente em construção e mudança devido a uma série de fatores, como globalização, migração, mídia e tecnologia. Ele enfatiza a ideia de que a identidade não é algo fixo ou permanente, mas sim algo fluido e em constante evolução.

Para Bourdieu (2014) a moda é um mecanismo simbólico de distinção social que reflete as hierarquias e desigualdades existentes na sociedade. A moda além de ser uma expressão estética, é também uma forma de construção de identidade e de poder.

Vestes litúrgicas

Na terceira edição típica do missal romano (livro usado nas celebrações da Igreja Católica que contém os ritos e orientações de como proceder nas missas) no número 144 da sua introdução está escrito que convém que a beleza e nobreza de cada vestimenta decorram não tanto da multiplicidade de ornatos, mas do material usado e da forma. Paci (2021, p. 182) questiona o significado de após o Concílio Vaticano II, parte da comunidade cristã católica querer voltar a usar roupas do passado, de quando se celebrava de costas para o povo nas Igrejas e em Latim. Como exemplo ela descreve a planeta, veste usada pelos presbíteros, a planeta é um paramento colocado sobre os ombros com caída na parte das costas e da frente, sem mangas, de comprimento até aproximadamente a metade da perna acima do joelho. Esse paramento foi substituído pela casula, veste ampla comprida até abaixo do joelho e largura até os pulsos. O uso da planeta após o Vaticano II que a celebração é feita com o sacerdote de frente para o povo se mostra fora de lugar.

Paci (2021, p. 323) descreve que até o século V as vestes dos ministros do culto eram comuns, não existia uma roupa própria para as atividades litúrgicas e celebrativas. Excluía-se as roupas de trabalho e do serviço militar. A dignidade e a reverência faziam com que os próprios fiéis guardassem uma roupa mais nova, mais limpa para as celebrações. Nesse período não havia diferenciação de vestes entre quem presidia e a assembleia. Há registros de em alguns locais onde a religião já era próxima ao estado na política em que as roupas eram diferenciadas. O que vai acontecer de uma maneira geral com o passar do tempo, quando a religião cristã se torna religião oficial do estado.

Paci (2021, p. 324) ainda apresenta que a essa posição contraditória Santo Agostinho e o papa Celestino I se posicionaram abertamente contra as iniciativas destinadas a introduzir roupas especiais para os padres e as hierarquias eclesíasticas. Agostinho escreve: “Numa comunidade dedicada ao serviço divino não deve haver diferenças de status. Desaprova o uso de vestes luxuosas, não adequadas à simplicidade e à vida de serviço do clérigo.” Em 426, o papa Celestino I, numa carta endereçada aos bispos de Provença, declarava-se contrariado pela escolha de alguns deles de introduzir diferenciações especiais nas vestes, tinham introduzido o uso do cinto para prender a túnica, motivando-o com o preceito evangélico de Lc 12,35 “estai preparados, com a roupa bem presa na cintura”. O papa tinha medo que dando mais destaque à aparência

que à essência, eles acabassem dando mais valor à letra que ao espírito da Escritura.

Partilha de experiências

Na perspectiva da terceira edição típica do missal romano, dos documentos do Concílio Vaticano II e da fundamentação bibliográfica de Sara Picollo Paci, a autora traz a experiência de vida e de trabalho com as vestes litúrgicas. A autora é membro da Congregação Religiosas Pias Discípulas do Divino Mestre, tipo de organização comum dentro da Igreja Católica. A referida congregação tem como meio de sustento e missão religiosa também a criação, produção e comercialização de vestes litúrgicas. A venda acontece por meio de lojas físicas, revendas para outras livrarias católicas e e-commerce.

O estilo das vestes é um estilo sóbrio, que busca o essencial, que evidencia a centralidade do mistério celebrado com símbolos significativos para o universo cristão católico. A saber os principais símbolos são cruz, peixe, pão, videira, cordeiro. São símbolos que remetem ao mistério da vida de Jesus e aos mistérios consagrados pela tradição da Igreja ao longo dos séculos.

A imagem de exemplo (ver anexos) é uma casula, veste litúrgica típica usada pelo presbítero/padre nas missas da Igreja Católica. O símbolo principal é a cruz com detalhes que adornam o elemento principal. A sobriedade e leveza do tecido chama atenção para o símbolo da cruz que é destacado pelo tamanho, cor do bordado e pela própria posição na peça. A veste conduz e ajuda a criar a harmonia para o que é celebrado e não deve chamar atenção para si. A imagem é uma proposta da Congregação Religiosas Pias Discípulas do Divino Mestre que para o trabalho de vestes usa o nome de Apostolado Litúrgico.

Quanto à forma, as vestes são amplas, algumas até o pé, outras até pouco abaixo do joelho e de largura até o cotovelo ou até o punho, e de vestir sobre a roupa civil. Outra veste é a estola que consiste em uma faixa de tecido de 14cm aproximadamente, colocada sobre o pescoço e que vai até abaixo dos joelhos ou colocada na diagonal sobre o ombro esquerdo e presa da altura da cintura do lado direito.

Os espaços de comercialização são 4 lojas próprias da congregação situadas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Pernambuco, e outras livrarias parceiras do segmento católico presentes na sua maioria no estado de São Paulo. O e-commerce acontece a partir

do link <https://apostoladoliturgico.com.br/> com atendimento em horário comercial de segunda a sexta.

A congregação atua nesse mercado há 68 anos, fazendo principalmente como missão para e na Igreja do Brasil. Buscando como diz a SC 124 a nobre simplicidade.

Ao promoverem uma autêntica arte sacra, preferam os Ordinários à mera suntuosidade uma beleza que seja nobre. Aplique-se isto mesmo às vestes e ornamentos sagrados (*Sacrosanctum Concilium* número 124)

A nobre simplicidade é a palavra e o conceito desafiador para a materialização das vestes e da própria compreensão de cada ser humano. Paci (2021, p. 330) diz que as vestes dos ministros devem ressaltar mais a função e o sentido do sacerdócio que a individualidade da pessoa, e para tal finalidade elas seguem uma normativa que, no entanto, deixa liberdade de expressão na realização de cada peça. De qualquer modo, a matéria e a forma hoje certamente são mais significativas, para os objetivos da dignidade e da beleza das vestes, do que a riqueza das decorações, que no passado, por vezes, prevaleceu sobre esses dois âmbitos. E recentemente surgiram várias outras empresas que atuam no mercado como comércio e negócio na sua essência.

A congregação atende principalmente a Igreja católica, mas uma pequena parcela de pastores protestantes das igrejas protestantes históricas que usam algum paramento parecido também compram nas nossas lojas.

Nos anexos, deixo duas fotos que mostram os opostos de dois papas, de duas formas de conduzir a Igreja Católica na história, de dois jeitos bem distintos de escolher as vestes litúrgicas. Na primeira imagem se percebe um tecido amplo, bordados dourados, mitra comprida e toda coberta de bordados, pessoas ajudando a segurar a veste litúrgica. Já na segunda imagem vemos o tecido mais liso, sem bordados, com detalhes de tom sobre tom, a mitra na mão do cerimoniário somente com detalhe em verde.

Considerações finais

A busca do essencial, do sóbrio, do sentido da vida que dá e traz vida às pessoas é uma busca das religiões. Cada uma a seu modo, com seus ritos e particularidades buscam condições de vida plena e realizada. Ainda que pontos de vista e de compreensões possam diferir.

A ciência da religião aplicada nesse universo religioso católico pode ser uma forma de relações de trabalho com respeito às diferenças, acolhida do outro, conhecimento dos credos, costumes e receptividade aos novos movimentos e novas formas de expressão de fé sem ferir a memória do passado, mas adequando-se ao caminhar da humanidade e do ser humano.

Anexos

Figura 1



Fonte: <https://apostoladoliturgico.com.br/produto/casula-novo-ceu-e-nova-terra-crepe-seda-verde/>

Figura 2



Fonte: <https://pt.slideshare.net/slideshow/4-paramentosliturgicosevestes/241915076>

Figura 3



Fonte: <https://www.acidigital.com/noticia/56589/papa-francisco-usa-vestes-liturgicas-feitas-por-brasileiro-e-que-recordam-a-amazonia>

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Português. São Paulo, Paulus, 2002.

BRAGA, João. História da moda: uma narrativa. São Paulo. Editora Anhembi Morumbi, 2004 (Coleção moda e comunicação / Kathia Castilho (coordenação)).

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002. O poder simbólico. Tradução: Fernando Tomaz. Revisão Luís Abel Ferreira. Lisboa, Portugal. Edições 70, LDA. 2014.

HALL, Stuart. A Identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GALVAN, V. M. Vestes litúrgicas, moda e identidade: significados e expressões das vestes nas celebrações litúrgicas. In: SEMINÁRIO DE CIÊNCIA DA RELIGIÃO APLICADA, 7., 2024, São Paulo. *Anais eletrônicos...*

LESAGE, Robert (Mestre de cerimônias de Paris). Vestes e objetos litúrgicos. Tradução das religiosas da companhia da virgem. Petrópolis. Livraria e editora Flamboyant, São Paulo, 1960.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. A estetização do mundo: Viver na era do capitalismo artista. Tradução Eduardo Brandão. 1ª edição. São Paulo. Companhia das letras, 2015.

MISSAL ROMANO. Tradução portuguesa da terceira edição típica realizada e publicada pela conferência nacional dos bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela sé apostólica. 1ª impressão 2023.

PACI, Sara Picollo. História das vestes litúrgicas, forma, imagem e função. 1ª edição. São Paulo. Loyola, 2021.

Documento conciliar 1963. Sacrosanctum Concilium. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Último acesso em 01/06/2024.

2º Prêmio SEMCREA

Clóvis Ecco

Organização do SEMCREA

Fábio L. Stern

Organização do SEMCREA

O Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA) é um evento organizado em parceria entre os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sendo o único evento nacional periódico a discutir questões profissionais para cientistas da religião. Aberto a todas as pessoas, independentemente de formação ou vinculação acadêmica, o evento tem como objetivo discutir a aplicação da Ciência da Religião a outras áreas além da pesquisa, bem como semear ideias visando à profissionalização e fortificação da categoria profissional de cientistas da religião.

O Prêmio SEMCREA consiste em um prêmio simbólico fomentado pelo evento, tendo por objetivo reconhecer os trabalhos com impacto para o desenvolvimento disciplinar da Ciência da Religião e fortalecimento da categoria profissional de cientistas da religião no Brasil. Diferente do evento, que qualquer um pode propor trabalhos a serem apresentados, o Prêmio SEMCREA tem como público alvo as pessoas formadas especificamente em Ciência da Religião, salvo os casos escusos previstos no Inciso II do Item 1.1 deste Edital. Os trabalhos a concorrer podem possuir diversos formatos, tanto acadêmicos (p. ex. teses, dissertações, livros, artigos etc.) quanto sociais (p. ex. ações de órgãos de classe, intervenções, representações judiciais, de ordem política/legislativa etc.) e artísticos.

1. Os critérios para a participação do Prêmio SEMCREA são:
 - 1.1 Ter sido produzido entre 2023 e 2024.
 - I. Trabalho acadêmico ou artístico deve ter autoria de pelo menos metade de pessoas formadas em Ciência da Religião, seja em nível de graduação, especialização, mestrado, doutorado ou livre-docência.

- II. Em caso de trabalho social, não é requerida a formação específica em Ciência da Religião, mas a ação resultante deve impactar positivamente e de forma direta pessoas formadas especificamente em Ciência da Religião.
- 1.2 Pressuposto de que a Ciência da Religião é uma disciplina autônoma (área própria) ao invés de um campo formado por várias outras áreas (perspectiva multidisciplinar). Em outras palavras, ter clareza que um sociólogo, um psicólogo, um antropólogo, um historiador, um filósofo ou qualquer outro profissional, mesmo que trabalhe com religião, se não tiver formação específica em Ciência da Religião, não deve se apresentar socialmente como cientista da religião.
 - a. Se tratar sobre Ensino Religioso escolar, o trabalho sustenta que somente quem possui licenciatura plena em Ciência da Religião deve ministrar aulas de Ensino Religioso nas escolas públicas ou particulares.
- 1.3 Distinção radical entre as classes profissionais de teólogos e cientistas da religião, assumindo que teólogos **não devem** ocupar os postos de trabalho específicos para pessoas formadas em Ciência da Religião (p. ex. concursos para magistratura em programas de Ciência da Religião).
2. As inscrições de trabalhos para o Prêmio SEMCREA serão realizadas exclusivamente pelo sítio do evento (<https://congressos.pucsp.br/index.php/SEMCREA/2024/index>) até o dia **1º de julho de 2024**. Os documentos necessários são:
 - I. Declaração assinada pelas pessoas autoras de que concordam com a inscrição do trabalho no Prêmio SEMCREA, com *link* para o Currículo Lattes das mesmas.
 - a. Em caso de trabalho monográfico (p. ex. teses, dissertações, monografias), a declaração deve conter também o *link* ao Currículo Lattes e a assinatura da pessoa orientadora concordando com a inscrição no Prêmio SEMCREA.
 - II. Exemplar completo do trabalho em PDF.
 - a. Em caso de trabalho social, será aceito no lugar um relatório sobre o projeto.
 - III. Um resumo de até 500 palavras do trabalho em PDF, justificando-o frente aos critérios do Item 5 deste Edital.

- IV. Foto de rosto das pessoas autoras em alta resolução, em que apareça toda a cabeça e os ombros (estilo passaporte) de cada pessoa.
- 1.1 Serão desclassificadas quaisquer indicações de trabalhos cujos autores ou orientadores sejam membros da organização do SEMCREA, ou que façam parte da comissão científica que julgará os trabalhos.
3. A pré-seleção dos trabalhos inscritos verificará se os critérios de participação previstos no Item 1 e no Item 2 foram atendidos, sendo realizada pela organização do SEMCREA ou sua comissão científica.
4. A comissão científica do SEMCREA será formada a cada nova edição do evento, sendo constituída preferencialmente por cinco pessoas com formação específica em Ciência da Religião, uma de cada região do Brasil – Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.
 - 4.1 Os cursos de Ciência da Religião e associações profissionais de cientistas da religião do Brasil poderão ser consultados para a sugestão de nomes para compor cada comissão científica.
 - 4.2 Só serão aceitas pessoas sem formação específica em Ciência da Religião como membro da comissão científica se nenhuma pessoa com formação específica se disponibilizar em uma das cinco regiões.
 - 4.3 As pessoas sem formação específica deverão ter histórico de trabalho direto com Ciência da Religião (p. ex. professores em cursos de Ciência da Religião ou bolsas de pós-doutoramento em programas de Ciência da Religião).
 - 4.4 Uma mesma pessoa poderá participar mais de uma vez da comissão científica do SEMCREA.
 - 4.5 Para além do trabalho vencedor, cada comissão científica poderá atribuir até duas menções honrosas.
5. Os critérios de premiação são:
 - I. Relevância para o desenvolvimento profissional e econômico de pessoas formadas em Ciência da Religião.
 - II. Fortalecimento da representação social de cientistas da religião.
 - III. Construção de uma identidade de categoria profissional própria, defendendo os interesses de classe de cientistas da religião.

- IV. Construção de uma identidade acadêmica própria que fortaleça o seu caráter disciplinar e a formação específica de cientistas da religião.
 - V. Qualidade de frutos decorrentes do trabalho.
6. O Prêmio SEMCREA consiste em:
- I. Certificado de premiação em formato digital aos autores do trabalho e sua instituição/associação.
 - a. Em caso de trabalho monográfico, também será outorgado certificado em formato digital ao orientador e ao programa.
 - II. Divulgação do trabalho em nossa rede científica como uma referência à Ciência da Religião no Brasil.
7. A premiação ocorrerá no mesmo dia e horário do SEMCREA, em 23 de setembro de 2024, entre as 14h e 18h.

Sobre o evento

Fábio L. Stern

Organização do SEMCREA.

O Seminário de Ciência da Religião Aplicada (SEMCREA) é um evento bienal dos PPGs em Ciência da Religião da PUC-SP e da PUC Goiás que ocorre no ano alternado ao Congresso da ANPTECRE. Criado em 2015 por Fábio L. Stern e Matheus Oliva da Costa, o SEMCREA tem como objetivo semear contribuições e aplicações profissionais para além da academia às pessoas formadas em ciência da religião.

Desde a primeira edição, os textos das apresentações são de acesso livre gratuito e estão disponíveis para leitura no *website* do evento, em benefício de quem tiver interesse. Além disso, as apresentações são gravadas na íntegra e disponibilizadas gratuitamente na Internet. As três primeiras edições foram gravadas pela TV PUC, onde estão também disponíveis. Da quarta edição em diante o evento foi realizado como *live* e está disponível no canal de YouTube de Fábio Stern.

Dinâmica

As discussões do SEMCREA ocorrem mediante a apresentações de *papers* submetidos com antecedência, durante o período de chamadas abertas no *website* do evento. Os trabalhos devem responder a questão específica relacionada ao tema do evento. São priorizados textos produzidos por cientistas da religião formados ou em formação. Representantes de outras áreas são bem-vindos, desde que façam uma relação entre o conhecimento de sua área de origem com a ciência da religião.

Cada *paper* selecionado integra uma mesa de discussões, cuja exposição oral não deve ultrapassar 15 minutos. Após os trabalhos de uma mesa serem todos apresentados, ocorre uma interação com o público presente para comentários e opiniões sobre as propostas. Embora os proponentes devam se inscrever no *website* do evento com antecedência, o credenciamento para ouvintes é feito gratuitamente no dia e local do próprio SEMCREA. Nas edições que ocorreram virtualmente, as inscrições foram feitas ao vivo, através de um formulário on-line.

Formato dos papers

As propostas devem visar à atuação profissional de cientistas da religião de forma remunerada, ou se caso a remuneração não seja possível, que sugira novos campos a serem desbravados visando esse objetivo. Não são permitidos trabalhos de teologia/religião prática (seja qual for), tão pouco recortes de pesquisa que não visem à ciência aplicada.

Os *papers* devem ter no mínimo 3 e no máximo 10 páginas, já contando com a lista de referências. Tamanho de papel A4, fonte Arial ou Helvetica, tamanho 12, espaçamento 1,5, alinhamento justificado e margens de 2,5 cm. A primeira linha de cada parágrafo deve conter recuo de 2 cm.

As citações diretas longas devem ser escritas em fonte Arial ou Helvetica, tamanho 10, espaçamento simples, com recuo de 4 cm da margem esquerda. A primeira linha não deve conter recuo.

A estrutura do texto é livre, no entanto deve ser organizada e clara para ser aceita, fundamentada preferencialmente em correntes de pensamento teóricas, históricas, sociológicas, filosóficas, ou mesmo na experiência prática em caso de relato de experiência.

Toda palavra estrangeira deve ser grafada em itálico, e os destaques no texto devem ser feitos em itálico ao invés de negrito ou sublinhado.

O nome de áreas, de religiões e termos religiosos deve sempre ser grafado em letra minúscula, salvo aparecerem no início de uma frase ou constituírem nomes próprios (p. ex. catolicismo, igreja, eucaristia, islã, wicca, budismo, ciência da religião aplicada, psicologia, teologia etc.).

O sistema de citações adotado pelo SEMCREA o autor-data da ABNT. Não são aceitas referências em notas de rodapé. Isso significa que os *websites* devem ser referenciados como obra normal, no corpo do texto, e não nas notas de rodapé.

O modelo para *website* na lista de referências é o seguinte:

AUTOR. Título do website. Data. Disponível em: <<http://www....>>. Acesso em: data.

Exemplo: VULCÃO, Ed. Espiritualidade e religiosidade quéchua (inca). CR na Escola: Ciência da Religião Aplicada. 20 ago. 2019. Disponível em: <<http://crnaescola.blogspot.com/2019/08/espiritualidade-e-religiosidade-quechua.html>>. Acesso em: 10 out. 2019.

Os termos latinos “*op. cit.*”, “*idem*”, “*ibidem*” etc. e suas variáveis não devem ser utilizados nos *papers* do SEMCREA. As informações das citações devem ser repetidas sempre que necessário.

Processo de avaliação

Os *papers* submetidos ao SEMCREA são avaliados pela comissão científica do evento, formada anualmente por diferentes pessoas com formação em ciência da religião de várias regiões do Brasil. Embora o SEMCREA seja um evento dos PPGs em Ciência da Religião da PUC-SP e da PUC Goiás, não são seus professores quem avaliam as submissões. Essa avaliação é feita sempre em pares, ocultando dos avaliadores a autoria dos *papers*. Os melhores trabalhos são, então, selecionados para serem apresentados na data do evento.

Especial atenção é solicitada aos pareceristas para que seja distinguida a pesquisa acadêmica da efetiva aplicação profissional da ciência da religião. Em outras palavras, que verifiquem se foram pensadas possibilidades de uma atuação prática de cientistas da religião, e não simplesmente em campos de pesquisa para a ciência da religião. Contudo, textos com discussões teóricas sobre a ciência da religião aplicada em si podem ser aceitos pela comissão.

Os pareceristas também são orientados a vetar trabalhos que possam fragilizar, seja profissionalmente ou moralmente, a imagem da ciência da religião frente às outras ciências e à sociedade.

Publicação dos papers nos Anais do evento

Para que um *paper* aprovado seja publicado na íntegra nos Anais do evento, é necessário que ele tenha sido apresentado no dia do SEMCREA. Os autores concordam em ceder os direitos de publicação e que os textos publicados possam sofrer alterações e adaptações no processo de revisão textual e diagramação.

Todos os papers são publicados sob licença *Creative Commons International (CC BY-NC 4.0)*, sob os seguintes termos:

- Qualquer um pode compartilhar, copiar e redistribuir o material, em qualquer meio ou formato.
- O crédito apropriado deve sempre ser atribuído aos autores, fornecendo um *link* para a licença (disponível na contracapa destes Anais) e indicando se foram feitas alterações.

- O material não pode ser utilizado para fins comerciais.
- Termos/medidas legais ou tecnológicas que restrinjam outras pessoas de fazer qualquer coisa que a licença permita não podem ser aplicados a estes *papers*.

Como citar os trabalhos?

A forma de referência para publicações de textos na íntegra em Anais, seguindo a ABNT, já está descrito no cabeçalho das páginas de cada *paper*.